Ñanduty
ISSN:2317-8590

# Produção de autoria indígena em programas de pós-graduação na área de antropologia: levantamento de dissertações e teses (2010 a 2022)

Camila Mainardi (UFG - camilamainardi@ufg.br)
Marina Barbosa e Silva (Unicamp - mariquinha_cs@yahoo.com.br)

**Resumo:** Frente a ausência de informações mais gerais sobre a produção acadêmica de autoria indígena e do desafio de acessá-la para além das redes em que cada um/a está inserido/a, este ensaio tem como objetivo apresentar um mapeamento exploratório da produção indígena na área de Antropologia caracterizando-a a partir de informações sobre o pertencimento étnico, identidade de gênero-sexo e formação inicial das/os autoras/es, mas também a relacionando com os programas de pós-graduação. Assim, a partir de um levantamento de dissertações e teses de autoria indígena realizado em trinta programas de pós-graduação na área de Antropologia, assinalamos que tal produção é crescente, mais especificamente a partir de 2016, ainda que desigualmente distribuída entre os programas. Ao final, em anexo, com vistas a contribuir com pesquisadoras/es indígenas e não indígenas e com o fortalecimento de políticas de ação afirmativa, reunimos em uma tabela as 124 monografias defendidas – 103 dissertações e 21 teses – base deste texto.

**Palavras-chave:** produção indígena, programas de pós-graduação, antropologia, levantamento

# Indigenous authorship in anthropology postgraduate programs: survey of theses and dissertations (2010-2022)

**Abstract:** In the absence of more general information about indigenous authorship in academic production and the challenge of accessing it beyond the networks in which each individual is embedded, this essay aims to present an exploratory mapping of indigenous production in the field of Anthropology, characterizing it based on information about ethnic belonging, gender-sex identification, and initial education of the authors. Additionally, it aims to relate this production to postgraduate programs. Thus, based on a survey of dissertations and theses authored by indigenous individuals in thirty postgraduate programs in the area of Anthropology, we highlight that such production is increasing, particularly from 2016 onwards, although it is unevenly distributed among the programs. Finally, attached to this text is a table containing 124 defended papers - 103 dissertations and 21 theses - with the purpose of contributing to indigenous and non-indigenous researchers and strengthening affirmative action policies.

**Keywords:** indigenous production, postgraduate programs, anthropology, survey.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

## Introdução

A crescente presença indígena em programas de pós-graduação na área de antropologia tem sido abordada em uma significativa quantidade de trabalhos, que em geral, tratam de experiências particulares[1]. Avaliações sobre a Antropologia, seus modos de (re)produção e ensino, mas também o ingresso e a permanência nas universidades têm sido realizada por indígenas antropóloges em diversos e também crescentes espaços: publicações em revistas acadêmicas, mesas e fóruns em eventos regionais e nacionais[2]. Em 2020 foram criadas a Articulação Brasileira de Indígenas Antropóloges (ABIA) e, na Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Comissão de Indígenas Antropólogxs. Tratam-se de movimentos importantes que, vale dizer, marcam a especificidade de pesquisadoras/es indígenas e sua produção que se diferencia da produção não indígena.

Como ressalta Autaki Waurá (2022: 54), a presença indígena na pós-graduação implica "desafios para os/as professores/as não indígenas em relação ao ensino e a orientação dos projetos de pesquisa". Isto deve refletir na reformulação de currículos e programas de curso ainda "eurocentrados" como denuncia Gersem dos Santos Luciano (2015). Ademais, práticas racistas e epistemicidas são reproduzidas e atualizadas nas instituições de produção de conhecimento e, inclusive, nos modos de divulgação científica[3]. Tais provocações, apresentadas sinteticamente, foram o ponto de partida deste ensaio. Se por um lado a presença indígena na antropologia tem sido valorizada – em publicações e eventos acadêmicos – por outro, percebemos a ausência de informações sobre esta e a dificuldade em localizar a produção de pesquisadoras/es indígenas.

Assim, com vistas a contribuir com as reflexões sobre os 'caminhos' da antropologia, com as políticas de ação afirmativa, as necessárias reformulações de planos de curso, e especialmente, para colaborar com pesquisadoras/es indígenas e não indígenas, este artigo tem como objetivo apresentar um mapeamento das dissertações e teses de autoria indígena

[1] Apenas como exemplos mencionamos: Talita Lazarin DalBó (2018) e Melissa Santana de Oliveira (2016) sobre a experiência no PPGAS/UFAM; Marta Quintiliano (2019) e Alexandre Herbetta e Elias Nazareno (2020) sobre a UFG, Celuniel Aquino Valiente (2018) e Lauriene Seraguza e Levi Marques Pereira (2019) para a experiências Guarani e Kaiowá na graduação e pós-graduação. Para um primeiro levantamento e análise da produção acadêmica de autoria indígena no Brasil ver Mariana Paladino (2016).

[2] Ver Gersem José dos Santos Luciano (2015) e Felipe Sotto Maior Cruz (2016) para avaliações da antropologia. Sobre a experiência nas universidades ver, entre outros: Nelly Duarte (2017), o dossiê "Autorias Indígenas" organizado por Monica Pechincha, Antonio Gonçalves e Sckarleth Martins (2020) e os textos de Autaki Waurá (2022) e Antonio Carlos Benites (2022) no dossiê "Trajetórias nas universidades: Experiências da lei de cotas, transformações políticas e epistemológicas" (Mainardi, Quintiliano e Da Silva Costa, 2022).

[3] Ver especialmente o dossiê organizado por Aline Nascimento e Barbara Cruz na Revista de Antropologia (2017).

defendidas em programas de pós-graduação na área de Antropologia. Como se verá, tal produção é crescente ainda que desigualmente distribuída entre os programas. Em um primeiro momento, discorremos sobre o processo de pesquisa e as escolhas que nortearam o levantamento realizado. Em seguida, tratamos dos dados a partir de um recorte temporal considerando os programas de pós-graduação. Por fim, apresentamos um 'retrato' da produção indígena caracterizando-a a partir de informações sobre os povos, identidade de gênero-sexo e formação inicial das/os autoras/es indígenas. Ao final, em anexo, encontra-se a tabela com as informações base deste texto.

De início, cabe assinalar que a adoção de políticas de ação afirmativa na pós-graduação é recente, ainda que, como apontam Anna Carolina Venturini e João Feres Júnior (2020, p. 904), nos últimos anos houve aumento da adesão a esse tipo de política, seja por iniciativa de cada programa ou das instituições de ensino a que estão vinculados. Diferentes dos cursos regulares de graduação, que possuem ingresso a partir de edital único e, no caso das instituições de ensino federais, possuem normas regulatórias específicas[4], os programas de pós-graduação estabelecem critérios próprios para a seleção de ingressantes, não isentos dos regulamentos das instituições e das normas da Capes.

A primeira instituição de ensino superior a instituir cotas na pós-graduação foi a Universidade do Estado da Bahia (Uneb) em 2002, seguida da Universidade Federal de Goiás (UFG) em 2015, mais de dez anos depois (Mello, 2021). Contudo, a política de ação afirmativa para população indígena em programas de pós-graduação na área de antropologia tem a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como pioneira. Esta adotou políticas específicas para ingresso de estudantes indígenas em 2010, seguida do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) e da Universidade Federal do Pará (UFPA) em 2012, e da Universidade Federal de Santa Catarina em 2013.[5] Antes disso, como assinala Talita Lazarin DalBo (2018: 85), o Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford (International Fellowships Program – IFP), iniciado em 2001, respondeu por grande parte do acesso de estudantes indígenas à pós-graduação no Brasil[6].

[4] Trata-se da Lei n° 12.711 que ficou conhecida como a Lei de Cotas.
[5] Para um levantamento das políticas afirmativas em programas de pós-graduação em Antropologia no Brasil ver Talita Lazarin DalBo (2018: 89).
[6] Sobre o programa de Bolsas da Fundação Ford ver também Fúlvia Rosemberg (2013) e Anna Carolina Venturini (2019).

Anna Carolina Venturini (2019: 124), em tese dedicada à reflexão sobre as ações afirmativas na pós-graduação, ressalta o papel dos programas de pós-graduação em Antropologia no processo de "ingresso da temática na agenda dos programas e, em especial, das universidades que aprovaram resoluções a respeito [de políticas de ação afirmativa na pós-graduação]". Ainda que não seja objetivo deste ensaio tratar cuidadosamente dos programas de pós-graduação que, como mencionamos, possuem critérios de seleção próprios, mas também história de formação, público e inserção específicas, faz-se importante considerar o contexto brevemente exposto para o levantamento que se segue. Ademais, faz-se importante chamar a atenção que entre a garantia de acesso à pós-graduação dada por editais de seleção, específicos ou não, o acesso de fato e a conclusão dos cursos há um enorme terreno que passa por revisões e transformações da antropologia e das instituições de ensino com as quais esperamos contribuir com este texto.

**Caminhos da pesquisa – desafios e limites**

Este ensaio requereu uma série de escolhas, mas também estratégias de busca. Entre os anos de 2021 e 2023, tais estratégias foram sendo gestadas e limites estabelecidos. Se em um primeiro momento o levantamento se deu de modo mais livre, isto é, a partir de nossas próprias redes e do acesso a eventos, principalmente os organizados pela ABIA, optamos, depois, pela pesquisa exaustiva nos repositórios institucionais e por informações disponíveis *on-line*. O ponto de partida passou a ser os programas de pós-graduação da área (básica) de Antropologia, avaliados pela área de Antropologia/Arqueologia da Capes[7]. Foram, assim, consultados trinta programas vinculados a vinte e nove instituições de ensino superior.

Na tabela abaixo inserimos os anos de criação dos mestrados e doutorados de cada instituição. Até 2022, 12 programas possuíam o nível de mestrado e 18 o mestrado e o doutorado. Essas informações são relevantes, como veremos mais adiante, para caracterizar o crescimento dos programas de pós-graduação na área de Antropologia ao longo do tempo. Os primeiros programas surgiram no final da década de 1960 e na década de 1970, no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Hoje quase todas as unidades

[7] Informação disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoIes.jsf;jsessionid=j+--R3gelukair-FZUhsweNF.sucupira-218?areaAvaliacao=35&areaConhecimento=70300003

da federação, em instituições federais ou estaduais, possuem programas na área de Antropologia, com concentração na região sudeste.

Tabela 1 – Programas de pós-graduação na área de Antropologia, sigla dos programas e data de início de cursos, mestrado e/ou doutorado, por Instituição pública de Ensino Superior, Brasil.

| IES | Programas de Pós-Graduação na área de Antropologia | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | Nome do programa | Sigla | Curso M/D | Ano de Início | |
| | | | | Mestrado | Doutorado |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro | Antropologia Social | PPGAS/MN/UFRJ | M/D | 01/01/1968 | 01/01/1977 |
| Universidade Estadual de Campinas | Antropologia Social | PPGAS/Unicamp | M/D | 01/01/1971 | 01/01/2004 |
| Universidade de Brasília | Antropologia | PPGAS/UnB | M/D | 01/01/1972 | 01/01/1981 |
| Universidade de São Paulo | Antropologia Social | PPGAS/USP | M/D | 01/01/1972 | 01/01/1972 |
| Universidade Federal de Pernambuco | Antropologia | PPGA/UFPE | M/D | 01/01/1977 | 01/01/2011 |
| Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Antropologia Social | PPGAS/UFRGS | M/D | 01/01/1979 | 01/01/1991 |
| Universidade Federal de Santa Catarina | Antropologia Social | PPGAS/UFSC | M/D | 01/01/1985 | 01/01/1999 |
| Universidade Federal do Paraná | Antropologia e Arqueologia | PPGA/UFPR | M/D | 01/01/1991 | 04/08/2014 |
| Universidade Federal Fluminense | Antropologia | PPGA/UFF | M/D | 01/01/1994 | 01/01/2002 |
| Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Antropologia Social | PPGAS/UFRN | M/D | 01/01/2005 | 02/03/2015 |
| Universidade Federal de Minas Gerais | Antropologia | PPGAn/UFMG | M/D | 01/01/2006 | 01/01/2014 |
| Universidade Federal da Bahia | Antropologia | PPGA/UFBA | M/D | 01/01/2007 | 01/01/2007 |
| Universidade Federal de São Carlos | Antropologia Social | PPGAS/UFSCar | M/D | 01/01/2007 | 01/01/2009 |
| Universidade Federal do Amazonas | Antropologia Social | PPGAS/UFAM | M/D | 01/01/2008 | 01/01/2010 |
| Universidade Federal de Goiás | Antropologia Social | PPGAS/UFG | M/D | 01/01/2009 | 02/03/2015 |
| Fundação Universidade Federal do Piauí | Antropologia | PPGAnt/UFPI | M | 01/01/2009 | - |
| Fundação Universidade Federal de Sergipe | Antropologia | PPGA/UFS | M | 01/03/2009 | - |
| Universidade Federal do Pará | Antropologia | PPGA/UFPA | M/D | 01/01/2010 | 01/01/2010 |
| Universidade Federal da Grande Dourados | Antropologia | PPGANT/UFGD | M | 01/01/2011 | - |
| Universidade Federal da Paraíba | Antropologia | PPGA/UFPB | M/D | 01/01/2011 | 18/03/2019 |
| Universidade Federal de Pelotas | Antropologia | PPGAnt/UFPEL | M/D | 01/01/2012 | 14/03/2016 |
| Universidade Estadual do Maranhão | Cartografia Social e Política da Amazônia | PPGCSPA/UEMA | M | 16/08/2013 | - |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Universidade Federal de Mato Grosso | Antropologia Social | PPGAS/UFMT | M | 01/01/2014 | - |
| Universidade Federal de Alagoas | Antropologia Social | PPGAS/UFAL | M | 05/11/2015 | - |
| Fundação Universidade Federal de Roraima | Antropologia Social | PPGANTS/UFRR | M | 01/08/2016 | - |
| Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Antropologia Social | PPGAS/UFMS | M | 25/01/2017 | - |
| Universidade Federal do Ceará - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira | Antropologia | PPGA/UFC-Unilab | M | 16/08/2017 | - |
| Universidade de Pernambuco | Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas | PROCADI/UPE | M | 19/03/2018 | - |
| Universidade Federal Fluminense | Justiça e Segurança | PPGJS/UFF | M | 08/04/2019 | - |
| Museu Paraense Emílio Goeldi | Diversidade Sociocultural | PPGDS/MPEG | M | 12/08/2019 | - |

Fonte: Plataforma Sucupira/ CAPES. Elaboração das autoras, 2022.

Cabe ressaltar que o recorte estabelecido, por escolhas de tempo, excluiu os programas de pós-graduação da área de Arqueologia, avaliados pela área de Antropologia/Arqueologia da Capes, assim como os programas em Ciências Sociais e em Sociologia e Antropologia, avaliados pela área de Sociologia da Capes.[8]

Como mencionado, tomamos como ponto de partida os programas na área de Antropologia acima listados. Em cada um deles, a busca pela produção indígena demandou estratégias específicas[9]. Além disso, todos os programas foram consultados por mensagem eletrônica entre março e maio de 2022 com o intuito de confirmar os dados levantados. Recebemos 16 respostas, o que foi um importante modo de averiguação do levantamento e que possibilitou acessarmos trabalhos recém-defendidos, ainda não depositados, e incluídos neste mapeamento. Disso decorre uma outra escolha: optamos por manter, nas tabelas e gráficos que produzimos, as dissertações e teses defendidas mesmo ainda não depositadas. Entendemos que tais informações podem ser interessantes para pesquisadoras/es e podem colaborar com novas avaliações.

[8] Assim, o mapeamento que apresentamos não abarcou monografias como de Florencio Almeida Vaz Filho, doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2010) e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1997), e de Ana Manoela Primo dos Santos Soares [Ana Manoela Karipuna], mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (2021), ambos antropólogos.

[9] Em abril de 2021, foram retiradas as informações sobre sexo e raça em todos os conjuntos de dados disponibilizados no Portal de Dados Abertos da CAPES (https://dadosabertos.capes.gov.br/). Em comunicação pessoal, a Capes informou que tal solicitação foi originada na Controladoria-Geral da União/CGU em atenção à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais/LGPD. Do nosso ponto de vista, isso resulta em dificuldades para a pesquisa e a avaliação de políticas públicas.

Principalmente nos programas em que não tivemos confirmações, dependemos da atualização das páginas dos programas que seguem rotinas particulares e, importante assinalar, dependem de recursos, do trabalho de colegas, sejam coordenadoras/es, docentes e/ou secretárias/os, e de apoio institucional que são desiguais entre os programas.

Todos os programas de pós-graduação consultados possuem páginas *on-line*. A quantidade e o modo de organização das informações, contudo, variam. Por exemplo, dissertações e/ou teses defendidas podem ser diretamente acessadas em aba na página inicial ou encontradas por diferentes caminhos, em sessões como "produção", "produções", "produção científica", "ensino", "publicações", "acadêmico" ou "pesquisa". O *link* pode conduzir a lista de dissertações e/ou teses defendidas ou aos repositórios institucionais[10]. O mesmo ocorre em relação a informações sobre egressas/os que podem encaminhar para listas simples ou possibilitar outros acessos, aos currículos na plataforma *lattes* e/ou à produção de cada egressa/o. As páginas são dinâmicas tanto por serem 'alimentadas' com novos conteúdos como por serem reformuladas, reorganizadas, por vezes até geradas em novos domínios.

Ainda que com conteúdo e atualizações variantes, todas as páginas consultadas oferecem acesso à produção discente. No entanto, nenhuma apresenta informações sobre as/os autoras/es das dissertações e teses defendidas como povo/etnia, cor/raça e gênero-sexo[11]. O mesmo se dá nos repositórios institucionais que permitem variadas possibilidades de busca – como por autor, título, área de conhecimento, data de publicação, tipo de documento, assunto –, mas em que não é possível localizar diretamente as monografias de autoria indígena. Frente à ausência de informações, o levantamento que se segue exigiu estratégias, formuladas ao longo da própria pesquisa e a partir das informações disponibilizadas por cada programa.

Observamos os conteúdos de capa página a fim de efetuar 'cruzamentos' de dados. Por exemplo, os resultados dos processos seletivos para ingresso no mestrado e/ou doutorado,

[10] Ainda que disposta em diferentes locais, no início ou em listas de conteúdo na lateral da página, as dissertações e/ou teses podem ser diretamente acessadas na página inicial dos programas de pós-graduação da área de Antropologia da UFGD, UFMG UFSC, UFAM, UFSCar e UFPA. Em demais programas podem ser encontradas a partir dos seguintes abas: "produções" na UFMS e UFF; "produção" na USP e UFRJ, que conduzem aos repositórios institucionais; "Produção científica" na UFPE, UFC/Unilab e UFRGS, "ensino" na UFRR, UFS, UFPI e UFRN; "publicações" na UEMA, UFG, UFMT e UFPR, "acadêmico" na UFPEL; e "pesquisa" na UNB e Unicamp. Na UPE o acesso encontrado ocorre na sessão "mestrado profissional" e na UFAL em "discentes" e, em seguida, "egressos"

[11] A página do PPGAS/MN/UFRJ possui na aba "discentes" apenas o número de alunos ativos no programa e de 'optantes negros' e 'optantes indígenas' no mestrado e doutorado. Informação disponível em: http://ppgas.museunacional.ufrj.br/discentes.html

quando especificavam as/os discentes ingressantes em vagas de ação afirmativa, seja por editais específicos ou não, conduziam a consulta nos repositórios institucionais e na plataforma *lattes*.

Outra estratégia foi a busca por notícias sobre as defesas de indígenas antropólogas. Encontramos notícias como: "Antropologia Social é tema de defesa de mestrandos indígenas" (O Estado Online, 2019) que trata das defesas de Gilberto Pires (2019) e Gilson Tiago (2019) no PPGAS/UFMS, ingressantes na primeira turma do programa com vagas de ação afirmativa para candidatas/os indígenas e negras/os em 2017. Ou ainda: "Professora do povo umutina é primeira mulher indígena doutora em Antropologia pela UnB" (Veloso/Secom UnB, 2019) sobre a defesa de tese da Profa. Eliane Boroponepa Monzilar no PPGAS/UNB. E "Primeira mulher indígena no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFMG conclui mestrado" (Dantas/UFMG, 2021) acerca da defesa de dissertação de Viviane Cajusuanaima Rocha (2021) no PPGAS/UFMG[12]. Tais notícias facilitaram a pesquisa nos repositórios institucionais limitando temporalmente os arquivos a serem acessados. Isso porque o caminho mais preciso estabelecido para o levantamento foi a consulta às dissertações e teses relacionadas à temática indígena defendidas em cada programa. Trata-se de um critério arbitrário já que a produção de indígenas antropólogas não precisa estar restrita a temas específicos. No entanto, considerando a quantidade de arquivos a serem consultados, este se tornou um recorte necessário.

Além disso, acessamos publicações dispostas em redes sociais como o Instagram e o Facebook em que são divulgados eventos e defesas. Especialmente a ABIA, a partir de perfil no Instagram[13], tem realizado um importante trabalho de divulgação científica, tanto veiculando notícias referentes a participação de indígenas antropólogas em atividades acadêmicas, como promovendo encontros e rodas de conversa no meio virtual[14]. No caso dos eventos, faz-se relevante uma observação: muitas/os indígenas antropólogas são conhecidas/os por nomes próprios seguidos do nome do povo ao qual pertencem e que, assim, diferem dos nomes presentes nas páginas dos programas, listas de alunos ativos ou egressos e dos nomes presentes nas monografias. Deste modo, os eventos e atividades acadêmicas direcionaram a busca nas páginas dos programas, ainda que com a atenção à diversidade de nomes usados. Na medida do

[12] A lista completa de notícias acessadas encontra-se nas referências deste texto.
[13] Página disponível em: https://www.instagram.com/abia.indigena/
[14] Entre fevereiro e março de 2021 ocorreram quatro rodas de conversa com os seguintes temas: "Identidade indígena em questão: debates contemporâneos sobre a indianidade", "Indígenas mulheres pesquisadoras da ABIA e conhecimentos ancestrais", "Construindo gênero, sexualidade e experiências desde o território: Indígenas LGBTQIA+, vivências, (r)existência e potências" e "Mulheres indígenas da ABIA dialogam: Direito e Saúde" que estão disponíveis no canal da TVABA no *youtube* https://www.youtube.com/c/TVABA/videos

que foi possível averiguar, o que ocorreu nas consultas aos currículos na Plataforma *Lattes*, mantivemos nas referências bibliográficas, entre colchetes, os nomes reconhecidos por cada pesquisador/a.

Em síntese, o levantamento ocorreu a partir de dados públicos presentes nas páginas dos programas de pós-graduação, repositórios institucionais, no catálogo de teses e dissertações da Capes[15], em redes sociais, notícias veiculadas *on-line* e na Plataforma *Lattes*. Além disso, como mencionamos, os programas foram consultados entre março e abril de 2022. Mais especificamente, foi nos currículos *Lattes* que obtivemos informações sobre a formação inicial das/os pesquisadoras/es. Já a informação sobre pertencimento a um povo está presente, em geral, na introdução das monografias - por vezes também anunciadas nos currículos. Foi, então, a partir de cada arquivo que obtivemos muitos dos dados que embasam este texto.[16]

A partir das dissertações e teses de autoria indígena defendidas nos programas de pós-graduação na área de Antropologia produzimos uma planilha no Excel em que cada linha corresponde a um/a pesquisador/a e as colunas trazem informações sobre: nome do/a autor/a, programa/instituição, ano de defesa, titulação (se mestrado ou doutorado), gênero-sexo[17], curso de graduação/instituição, povo indígena, agência de financiamento da pesquisa e orientador/a.

Após a compilação dos dados, organizamos as tabelas e gráficos. Ao longo do processo de produção imagética, também realizamos escolhas sobre as formas de apresentação. Optamos por um recorte temporal: de 2010 a 2022. Em 2010, o PPGAS/UFAM foi o primeiro programa na área de Antropologia a reservar vagas em seus processos seletivos para candidatas/os indígenas[18], o que tomamos como um marco. As dissertações anteriores a 2010, de Dorvalino São José Velasques Chagas (2001), Ivo Fernandes Fontoura (2006), Adão Oliveira (2007) defendidas no PPGA/UFPE, de Gersem José dos Santos Luciano (2006) no PPGAS/UNB e Tonico Benites (2009) no PPGAS/UFRJ[19], constam na tabela em anexo em que alocamos todo

[15] Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/ .
[16] Ao longo do levantamento, encontramos casos em que o reconhecimento de pertencimento a um povo indígena se deu ao longo ou depois da pós-graduação, o que reforça a complexidade desta pesquisa. Tal produção foi mantida nas tabelas assim como referenciada no final do texto.
[17] A identificação gênero-sexo foi realizada a partir dos nomes dos/as autoras e de outras informações disponíveis principalmente em eventos como as rodas de conversa da ABIA. Cecília MacCallum (2013: 53), entre outras autoras, discute as complexidades de aplicar categorias universais como "gênero" e "sexualidade" às práticas e formas de pensamento indígenas, contudo, este artigo não aprofunda essa discussão.
[18] Informação disponível em: https://www.ppgas.ufam.edu.br/historico.html. Em 2021, o PPGAS/UFAM realizou o Seminário '10 anos de Ações Afirmativas PPGAS/UFAM" e, em 2022, o evento "10 anos do Colegiado Indígena". Ambos ocorreram no formato remoto e estão disponíveis na página da Revista Wamon no YouTube (https://www.youtube.com/channel/UCC4Ubuz6rIcg8rLd3Of5Qnw/featured)
[19] As três últimas mencionadas contaram com financiamento da Fundação Ford.

material consultado. Para o que se segue, consideramos 103 dissertações e 21 teses, defendidas entre 2010 e 2022.

Ressaltamos que o levantamento realizado a partir da pesquisa descrita até aqui está sujeito a equívocos. Ao longo do trabalho, nos esforçamos para extinguir todas as possibilidades de busca, mas omissões podem ter ocorrido. E mesmo no preenchimento da planilha e, posterior, revisão, erros podem ter nos escapado. Isso, no entanto, não invalida o material apresentado nem suas contribuições para novas iniciativas.

## Dissertações e teses de autoria indígena em programas de pós-graduação na área de antropologia - crescimento e distribuição

De início, faz-se importante assinalar que não tratamos neste texto da presença indígena nas universidades, nem na pós-graduação, que extrapola a área de Antropologia e os limites desenhados para esta pesquisa. Trata-se antes de reunir as monografias de autoria indígena produzidas de modo a realizar um mapeamento exploratório frente à ausência de informações mais gerais sobre a produção indígena na antropologia e ao desafio de acessá-la para além das redes em que cada um/a está inserido/a.

Como mencionamos, partimos de um universo de 124 monografias defendidas entre 2010 e 2022, em que 103 são dissertações de mestrado e 21 são teses de doutorado.

Tabela 2 - Monografias de autoria indígena nos programas de pós-graduação na área de Antropologia, por nível de curso, mestrado e doutorado, Brasil - 2010 a 2022

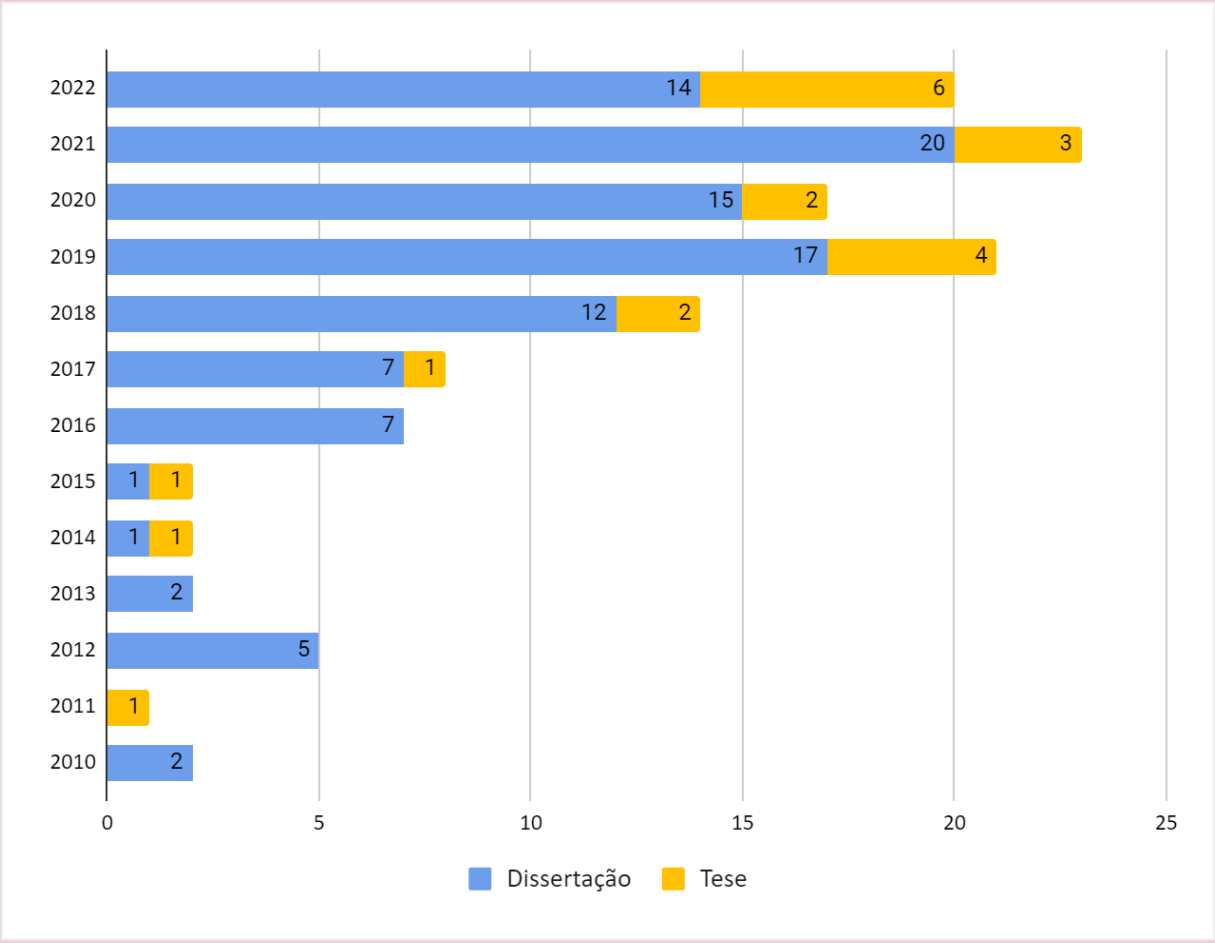
| Dissertações de Mestrado | Teses de Doutorado | Total (%) |
|---|---|---|
| 103 | 21 | 124 |
| 83% | 17% | 100% |

Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Quando olhamos a produção ao longo da década, a tendência que encontramos é de crescimento geral da produção de indígenas antropólogues, marcada principalmente a partir de 2016. No gráfico abaixo apresentamos, em números absolutos, as dissertações e teses destacadas respectivamente em azul e amarelo, defendidas por ano.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Gráfico 1 – Monografias de autoria indígena, dissertação e tese, defendidas em programas de pós-graduação na área de Antropologia, Brasil – 2010 a 2022




Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Se entre 2010 e 2015, o número de dissertações se mantém reduzido, este cresce a partir de 2016. Em 2018 o número quase dobra, de sete dissertações em 2017 para doze em 2018, chegando a 20 em 2021.[20] Em relação ao número de teses, este também é crescente, de zero a uma tese defendida por ano até 2017, passa para de duas a quatro teses nos anos seguintes, e seis em 2022.

A partir das informações que conseguimos levantar sobre as agências de financiamento, que ocorreram mais especificamente em buscas no Portal da Capes, na Plataforma *Lattes* e nos arquivos das monografias, de 124 dissertações e teses, em 107 confirmamos o apoio financeiro de bolsas Capes, Cnpq, Fundação Ford ou de agências estaduais, o que assinala a importância

[20] Os anos de 2020, 2021 e 2022 foram marcados pela pandemia de Covid-19, o que pode ter afetado o ingresso, a permanência e a conclusão dos cursos. Contudo, não temos, neste texto, como aferir os impactos da pandemia na produção da área, o que pode, inclusive, se dar ainda nos próximos anos.

destas para a inclusão e permanência de indígenas na pós-graduação. Nos demais casos, a informação não foi confirmada, o que não significa que seja inexistente.

Até 2013 grande parte das pesquisas foi financiada com apoio da Fundação Ford. Além de dissertações anteriores a 2010[21], também Mutua Mehinaku/MN-UFRJ (2010), José Quidel Lincoleo/Unicamp (2012), Jimena Gloria Pichinao Huenchuleo/Unicamp (2012), Oséias Ramos Marinho/UFPE (2012) e Rosilene Fonseca Pereira/UFAM (2013) contaram com suporte da Fundação Ford. Tratam-se de 5 dissertações das 9 defendidas até 2013. Como mencionamos, o Programa de Bolsas da Fundação Ford (International Fellowships Program – IFP), foi responsável por grande parte do acesso de indígenas à pós-graduação (DalBo, 2018: 86)[22].

Cabe assinalar que das demais dissertações produzidas até 2013, três foram defendidas no PPGAS/UFAM: João Rivelino Rezende Barreto (2012), Inara do Nascimento Tavares (2012) e João Paulo Lima Barreto (2013). Até 2015, 6 das 11 dissertações elencadas foram produzidas no PPGAS/UFAM.

Se em um primeiro período, até 2015, a produção indígena na área de Antropologia se concentra em certos programas, a partir dos anos seguintes, se distribui por mais instituições.

Tabela 3- Número de dissertações e teses de autoria indígena por ano de defesa e programa de pós-graduação na área de Antropologia - 2010 a 2022

| Ano | Monografias de autoria indígena | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | Dissertação | Programa de Pós-Graduação | Tese | Programa de Pós-Graduação | Total |
| 2010 | 2 | PPGAS/MN/UFRJ (1), PPGA/UFPR (1) | 0 | | 2 |
| 2011 | 0 | | 1 | PPGAS/UnB (1) | 1 |
| 2012 | 5 | PPGAS/UFAM (2), PPGAS/Unicamp (2), PPGA/UFPE (1) | 0 | | 5 |
| 2013 | 2 | PPGAS/UFAM (2) | 0 | | 2 |
| 2014 | 1 | PPGAS/UFAM (1) | 1 | PPGAS/UnB (1) | 2 |
| 2015 | 1 | PPGAS/UFAM (1) | 1 | PPGA/UFPA (1) | 2 |
| 2016 | 7 | PPGAS/UFAM (4), PPGAS/MN/UFRJ (1), PPGCSPA/UEMA (1), PPGAS/UFSC (1) | 0 | | 7 |
| 2017 | 7 | PPGAS/UFAM (2), PPGAS/MN/UFRJ (2), PPGAS/UnB (1), PPGA/UFPA (1), PPGAS/UFSC (1) | 1 | PPGA/UFPA (1) | 8 |
| 2018 | 12 | PPGAS/UFAM (3), PPGAS/MN/UFRJ (2), PPGAS/UFMT (2), PPGCSPA/UEMA (1), PPGANTS/UFRR (1), PPGAnt/UFPEL (1), PPGA/UFPA (1), PPGAS/UnB (1) | 2 | PPGA/UFPA (1), PPGAS/MN/UFRJ (1) | 14 |

[21] As dissertações de Adão Oliveira/UFPE (2007), Gersem José dos Santos Luciano/UnB (2006) e Tonico Benites/MN-UFRJ (2009), anteriores a 2010, foram apoiadas pela Fundação Ford

[22] O Programa de Bolsas da Fundação Ford é considerado o primeiro programa de ação afirmativa na pós-graduação no Brasil (DalBo, 2018: 86).

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 2019 | 17 | PPGAS/UFAM (4), PPGAS/MN/UFRJ (2), PPGAS/UFMS (2), PPGAS/UnB (2), PPGAS/UFG (2), PPGANT/UFGD (1), PPGANTS/UFRR (1), PPGA/UFPA (1), PPGA/UFPE (1), PPGAn/UFMG (1) | 4 | PPGAS/UnB (2), PPGAS/UFSC (1), PPGAS/MN/UFRJ (1) | 21 |
| 2020 | 15 | PPGAS/MN/UFRJ (4), PPGAS/UFG (3), PPGAS/UFAM (1), PPGAS/UFMT (1), PPGANTS/UFRR (1), PPGAS/UFSC (1), PPGA/UFBA (1), PPGAS/UFMS (1), PPGAS/UFAL (1), PPGAn/UFMG (1) | 2 | PPGAS/Unicamp (1), PPGA/UFPR (1) | 17 |
| 2021 | 20 | PPGAS/UFAM (4), PPGAS/UFG (3), PPGAS/USP (3), PPGAS/UFMS (1), PPGAS/UFSC (1), PPGAnt/UFPEL (1), PPGA/UFPA (1), PPGAS/UnB (1), PPGAS/UFRGS (1), PPGAS/UFRN (1), PPGA/UFC-Unilab (1), PPGANT/UFGD (1), PPGAn/UFMG (1) | 3 | PPGAS/UFAM (2), PPGAS/UFSC (1) | 23 |
| 2022 | 14 | PPGA/UFPA (3), PPGANT/UFGD (2), PPGAn/UFMG (3), PPGAS/UFAM(2), PPGA/UFPB (1), PPGA/UFC-Unilab (1), PPGAS/UFMT(1), PPGAS/MN/UFRJ (1) | 6 | PPGA/UFPA (1), PPGAS/UnB (1), PPGAS/MN/UFRJ (2), PPGAS/UFAM(1), PPGAS/UFG(1) | 20 |
| Total | 103 | | 21 | | 124 |

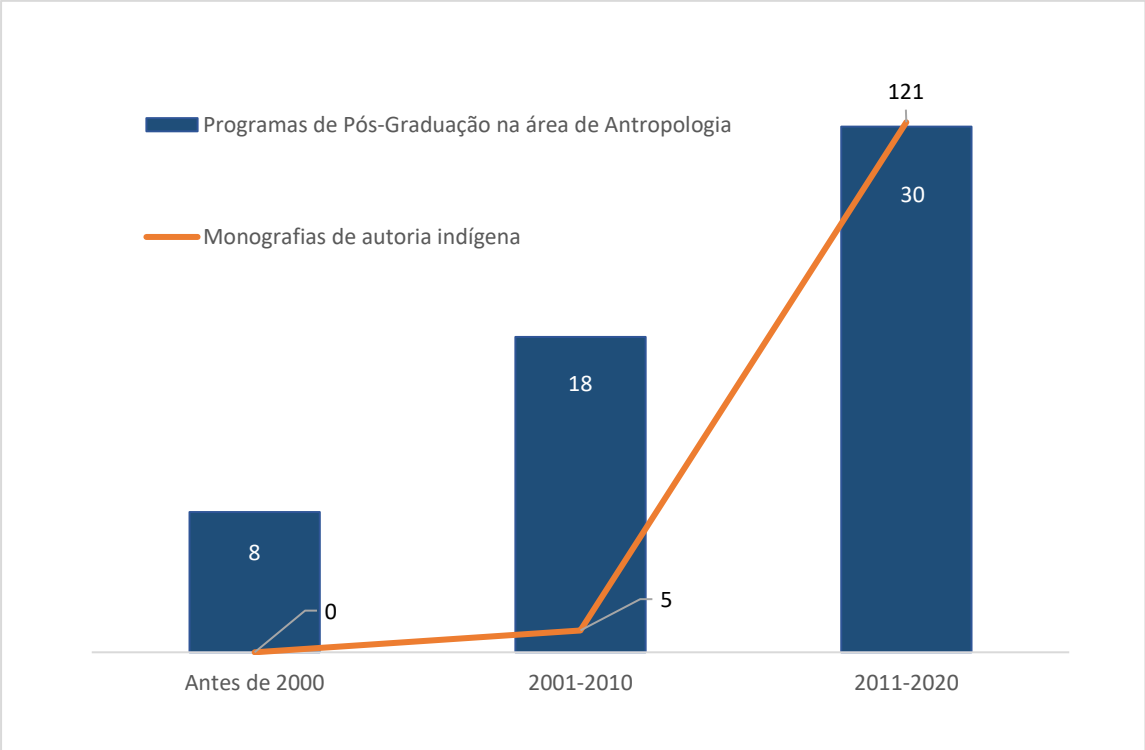
Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Na tabela 3 acima, apresentamos o número de dissertações e teses de autoria indígena por ano e os programas de pós-graduação em que foram defendidas. Especialmente no caso das dissertações, a partir de 2016, percebemos o crescimento da produção indígena e também sua distribuição por mais programas. Notamos, assim, a presença de maior número de programas de pós-graduação: de um a três até 2015, chegando a 13 programas em 2021. No que diz respeito às teses, e aqui cabe considerar que o tempo para doutoramento é superior ao de mestrado, os programas de pós-graduação presentes na tabela são 7. Como se verá com mais detalhamento abaixo, a produção indígena na área de Antropologia abarca 23 programas de pós-graduação, em que 7 tinham, até 2022, apenas o nível de mestrado.

Considerando, os anos de criação dos programas e, portanto, de ampliação da área de Antropologia, no gráfico 2, apresentamos a correlação entre o aumento dos programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) e o crescimento da produção de autoria indígena.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Gráfico 2 – Número de monografias de autoria indígena e número de programas de pós-graduação na área de Antropologia, Brasil – antes de 2000, 2001-2010 e 2011-2020.




Fonte: Elaboração das autoras, 2023

Até o ano 2000 existiam 8 programas de pós-graduação na área de Antropologia. Entre 2000 e 2010 foram criados 10 programas, mais que duplicando o total de programas na área. Na última década, de 2011 a 2020, avaliada no gráfico acima, 12 programas somaram-se à área, totalizando 30 programas. De maneira similar é possível observar em relação ao número de monografias de autoria indígena. Antes do ano 2000, nossa busca não encontrou nenhuma dissertação ou tese de autoria indígena na área de Antropologia. De 2001 a 2010, encontramos 5 dissertações - 1 no PPGAS/UFRJ/MN, 3 no PPGAS/UFPE e 1 no PPGAS/UNB. A partir de 2010, a produção indígena cresceu de forma significativa: são 104 monografias de autoria indígena de mestrado e doutorado, 20 vezes mais que na década anterior.

Em síntese, o retrato da última década pode ser observado nas tabelas 4 e 5.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Tabela 4 - Número de monografias de autoria indígena, segundo os programas de pós-graduação na área de Antropologia (sigla), Brasil – 2010 a 2022

| Programa Pós-Graduação | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| PPGAS/UFAM | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/MN/UFRJ | | | | | | | | | | | | | |
| PPGA/UFPA | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/UnB | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/UFG | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/UFSC | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAn/UFMG | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/UFMS | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/UFMT | | | | | | | | | | | | | |
| PPGANT/UFGD | | | | | | | | | | | | | |
| PPGANTS/UFRR | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/USP | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/Unicamp | | | | | | | | | | | | | |
| PPGA/UFPE | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAnt/UFPEL | | | | | | | | | | | | | |
| PPGA/UFPR | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/UFRGS | | | | | | | | | | | | | |
| PPGCSPA/UEMA | | | | | | | | | | | | | |
| PPGA/UFC-Unilab | | | | | | | | | | | | | |
| PPGA/UFBA | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/UFAL | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/UFRN | | | | | | | | | | | | | |
| PPGA/UFPB | | | | | | | | | | | | | |
| PPGA/UFF | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAnt/UFPI | | | | | | | | | | | | | |
| PPGA/UFS | | | | | | | | | | | | | |
| PPGAS/UFSCar | | | | | | | | | | | | | |
| PROCADI/UPE | | | | | | | | | | | | | |
| PPGJS/UFF | | | | | | | | | | | | | |
| PPGDS/MPEG | | | | | | | | | | | | | |

| Número de monografias de autoria indígena | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | |
| Sem PPG | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 ou + |

Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Tabela 5 – Monografias de autoria indígena, dissertação e tese, segundo programas de pós-graduação na área de Antropologia (sigla), Brasil – 2010 a 2022

| Programas Pós-Graduação (Sigla) | Monografias de autoria indígena | | |
|---|---|---|---|
| | Dissertação | Tese | Total |
| PPGAS/UFAM | 26 | 3 | 29 |
| PPGAS/MN/UFRJ | 13 | 5 | 18 |
| PPGA/UFPA | 7 | 4 | 11 |
| PPGAS/UnB | 5 | 4 | 9 |
| PPGAS/UFG | 8 | 1 | 9 |
| PPGAS/UFSC | 4 | 2 | 6 |
| PPGAn/UFMG | 5 | 0 | 5 |
| PPGAS/UFMS | 4 | - | 4 |
| PPGAS/UFMT | 4 | - | 4 |
| PPGANT/UFGD | 4 | - | 4 |
| PPGANTS/UFRR | 3 | - | 3 |
| PPGAS/USP | 3 | 0 | 3 |
| PPGAS/Unicamp | 2 | 1 | 3 |
| PPGA/UFPE | 2 | 0 | 2 |
| PPGAnt/UFPEL | 2 | 0 | 2 |
| PPGA/UFPR | 1 | 1 | 2 |
| PPGAS/UFRGS | 2 | 0 | 2 |
| PPGCSPA/UEMA | 2 | - | 2 |
| PPGA/UFC-Unilab | 2 | - | 2 |
| PPGA/UFBA | 1 | 0 | 1 |
| PPGAS/UFAL | 1 | - | 1 |
| PPGAS/UFRN | 1 | 0 | 1 |
| PPGA/UFPB | 1 | 0 | 1 |
| PPGAnt/UFPI | 0 | - | 0 |
| PPGAS/UFSCar | 0 | 0 | 0 |
| PPGA/UFF | 0 | 0 | 0 |
| PPGA/UFS | 0 | - | 0 |
| PROCADI/UPE | 0 | - | 0 |
| PPGJS/UFF | 0 | - | 0 |
| PPGDS/MPEG | 0 | - | 0 |
| Total | 103 | 21 | 124 |

Fonte: Elaboração das autoras, 2023.
Nota: "-" corresponde a dado ausente porque o programa não possuía curso de doutorado à época do levantamento.

Do universo de 30 programas de pós-graduação elencados para esta pesquisa, em 23 acessamos dissertações e/ou teses de autoria indígena, destes, 7 programas possuíam apenas o nível de mestrado. Na tabela 4 a partir da marcação com cores, notamos que em alguns programas há constância e/ou crescimento da produção indígena - visualmente, trata-se da maior variedade de cores concentrada na parte superior da tabela e, especialmente, a partir de 2016. Entre os programas listados no centro da tabela, percebemos que as monografias de autoria indígena aparecem de forma mais pontual e principalmente a partir de 2018, sendo inexistentes/ou não encontradas nos programas listados no final da tabela - caso de 7 programas, dois deles criados em 2019. Já na tabela 5, alocamos os números de dissertações e teses de autoria indígena defendidas em cada programa no período limitado para esta pesquisa, seguindo o número decrescente do total de monografias. A partir das duas tabelas, assinalamos que a crescente produção indígena na área de Antropologia tem se dado de forma diversa entre os programas de pós-graduação, ainda que presente na maior parte destes.

**Indígenas antropóloges - um levantamento exploratório**

Nesta seção apresentamos informações sobre as/os indígenas antropóloges, tais como pertencimento a um povo, identidade de gênero-sexo e formação inicial. Ainda que de forma exploratória, trata-se de um primeiro esforço para caracterizar a crescente produção indígena na área de Antropologia.

Segundo informações do IBGE, no censo demográfico realizado em 2010, entre as autodeclarações indígenas foram contadas 305 etnias e 274 línguas indígenas[23]. Assim, ainda que as políticas de ação afirmativa tomem ‘indígenas’ como um dos grupos beneficiados, há que se considerar que se tratam de múltiplos povos com modos de ser, histórias, epistemologias, estratégias e interesses próprios – o que, inclusive, reflete em seus trabalhos de pesquisa (ver

[23] Até o momento de revisão deste texto, o IBGE não havia divulgado informações sobre as etnias e línguas do Censo Demográfico 2022. As informações disponíveis dizem respeito aos dados da população total indígena para o país, as grandes regiões, unidades da federação, municípios, a Amazônia Legal e as Terras Indígenas.

tabela em anexo com os títulos das monografias). Além disso, um povo tampouco é uma massa homogênea.[24] Mesmo os etnônimos são antes relacionais[25] que unidades estáveis.

Tendo em vista, então, a multiplicidade de modos de ser e de forma a não operar classificações arbitrárias, optamos por apresentar os povos indígenas aos quais pertencem as/os autoras/es das teses e dissertações consultadas segundo suas autodesignações e a partir dos programas de pós-graduação em que defenderam suas monografias, respeitando ainda duplos pertencimentos, isto é, quando o/a autor/a se reconhece em mais de um povo (Tabela 6).

Tabela 6 – Número de povos indígenas e de monografias de autoria indígena, nome do povo indígena, por programa de pós-graduação na área de antropologia, 2010 a 2022

| Programa de Pós-Graduação | Monografias de autoria indígenas | | |
|---|---|---|---|
| | Número de Povos Indígenas | Monografias | Povos Indígenas |
| PPGA/UFBA | 1 | 1 | Pataxó |
| PPGAS/UFAL | 1 | 1 | Xukuru-Kariri |
| PPGAS/UFRN | 1 | 1 | Potiguara |
| PPGA/UFPB | 1 | 1 | Potiguara |
| PPGA/UFPR | 1 | 2 | Puri |
| PPGAS/Unicamp | 1 | 3 | Mapuche |
| PPGA/UFC-Unilab | 2 | 2 | Kanindé, Jenipapo- Kanindé |
| PPGA/UFPE | 2 | 2 | Waíkhana/Piratapuia, Pankararu |
| PPGAnt/UFPEL | 2 | 2 | Apurinã, Kaingang |
| PPGAS/UFRGS | 2 | 2 | Kaingang, Mura |
| PPGCSPA/UEMA | 2 | 2 | Kichwa, Trememb'e |
| PPGANTS/UFRR | 2 | 3 | Macuxi, Tuxá |
| PPGAS/USP | 2 | 3 | Matsés, Guarani Nhandeva |
| PPGANT/UFGD | 2 | 4 | Kaiowá, Guarani e Kaiowá |
| PPGAS/UFMS | 3 | 4 | Boe Bororo, Ejiwajegi/Kadiwéu, Terena |
| PPGAS/UFMT | 3 | 4 | Boe Bororo, Kurâ Bakairi, Umutina Balatiponé |

[24] Sobre o povo Kaiowá ver, por exemplo, Celuniel Aquino Valente (2019) que critica a homogeneização promovida na literatura antropológica assinalando as muitas formas de ser kaiowá. Para a discussão sobre educação e organização social Akwe que também sublinha diferenças entre os clãs akwe ver Ercivaldo Damsõkẽkwa Calixto Xerente (2016).

[25] Por exemplo, Anne-Christine Taylor chama atenção para os processos de "criação de etnias". Segundo a autora, os Jívaro foram construídos a partir da percepção ocidental na qual se enfatiza uma homogeneidade da etnia que mascara a contínua diferenciação explicitada pelos conjuntos dialetais e a guerra (1985: 3). Entre uma extensa literatura na Etnologia Indígena ver ainda Eduardo Viveiros de Castro (1996), a partir da discussão com o perspectivismo ameríndio, e Dominique Gallois (2007) que trata da construção das diferenças a partir de modelos waiãpi sobre a humanidade.

| | | | |
|---|---|---|---|
| PPGAn/UFMG | 3 | 5 | Pataxó, Xacriabá, Ye'Kwana |
| PPGAS/UFSC | 6 | 6 | Kaingang, Mbya, Tukano, Waíkhana, Laklãnõ/Xokleng |
| PPGAS/UFG | 8 | 9 | A'uwẽ Uptabi/Xavante, Akwe Xerente, Apyãwa, Mehĩ/Krahô, Guarani Mbya, Memõrtumre-Kanela, Panhĩ/Apinajé, Wauja |
| PPGAS/UnB | 8 | 9 | Apurinã, Balatiponé Umutina, Baniwa, Dahsea/Tukano, Kariú Kariri, Magüta/Tukúna, Tupinambá, Tuxá |
| PPGA/UFPA | 9 | 11 | Baré, Galibi-Marworno, Guarani e Terena, Kaingang, Kumaruara, Maytapu, Palikur-Arukwayene, Tembé, Xakriabá |
| PPGAS/MN/UFRJ | 13 | 18 | Baniwa, Dessano, Ejiwajegi/Kadiwéu, Guarani Mbyá, Guarani Nhandewa, Kaiowá, Kichwa, Kuikuro, Marubo, Pankararu, Paresi, Tikuna, Ye'kuana |
| PPGAS/UFAM | 19 | 29 | Bará, Baré, Cocama, Kaixana, Kambeba, Kokama, Macuxi, Mura, Sateré-Mawé, Tariana, Ticuna, Tukano, Ʉmʉkori Mahsã/Desana, Ʉtãpinopona/Tuyuka, Waíkhana, Waikhanã/Piratapuia, WaiWai, Wapichana, Yahua, Yepamahsã/Tukano |

Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

As dissertações e teses acessadas são de autoria de indígenas antropólogas de mais de 50 povos. Há maior número de monografias de povos na Amazônia, com ênfase na região do noroeste amazônico. Especialmente no nível de mestrado, os programas de pós-graduação atendem as populações indígenas das regiões em que estão inseridos, ainda que, por vezes, de áreas que extrapolam seus estados administrativos.[26] As dissertações de antropólogas Pataxó, Kanindé, Xukuru-Kariri, Potiguara e Pankararu, povos indígenas no Nordeste, foram defendidas respectivamente nos programas: PPGA/UFBA, PPGA/UFC-Unilab, PPGAS/UFAL, PPGAS/UFRN e PPGA/UFPE. As monografias de autoria Kaiowá e Guarani e Kaiowá estão presentes no PPGant/UFGD, as de antropólogos Guarani Nhandeva no PPGAS/USP, ambas as instituições estão em território Guarani. De modo similar ocorre nos PPGAn/UFMG, PPGANTS/UFRR, PPGAS/UFMS, PPGAS/UFMT, PPGAS/UFSC e PPGAS/UFAM que formaram mestras/es indígenas especialmente, não exclusivamente, dos povos das regiões em que atuam. As exceções são o PPGAS/MN/UFRJ e o PPGAS/UnB cujos

[26] Como o caso do PPGAS/UFG em que defenderam antropológes A'uwẽ/MT, Akwe/TO, Apyãwa/MT, Mehĩ/TO, Memõrtumre-Kanela/MA, Panhĩ/ TO, Wauja/MT e Guarani Mbya/GO.

indígenas antropólogues são de maior diversidade de povos e regiões, o que se dá também no nível de doutorado.

Cabe observar que a divisão administrativa do Brasil não coincide com a organização territorial dos povos indígenas que estão em múltiplos estados – e, em muitos casos, entre diferentes Estados-Nação e em áreas urbanas. O que sinalizamos aqui é a importância da distribuição regional dos programas de pós-graduação na área de Antropologia, dada pela ampliação da área a partir dos anos 2010, para a formação de indígenas pesquisadoras/es.

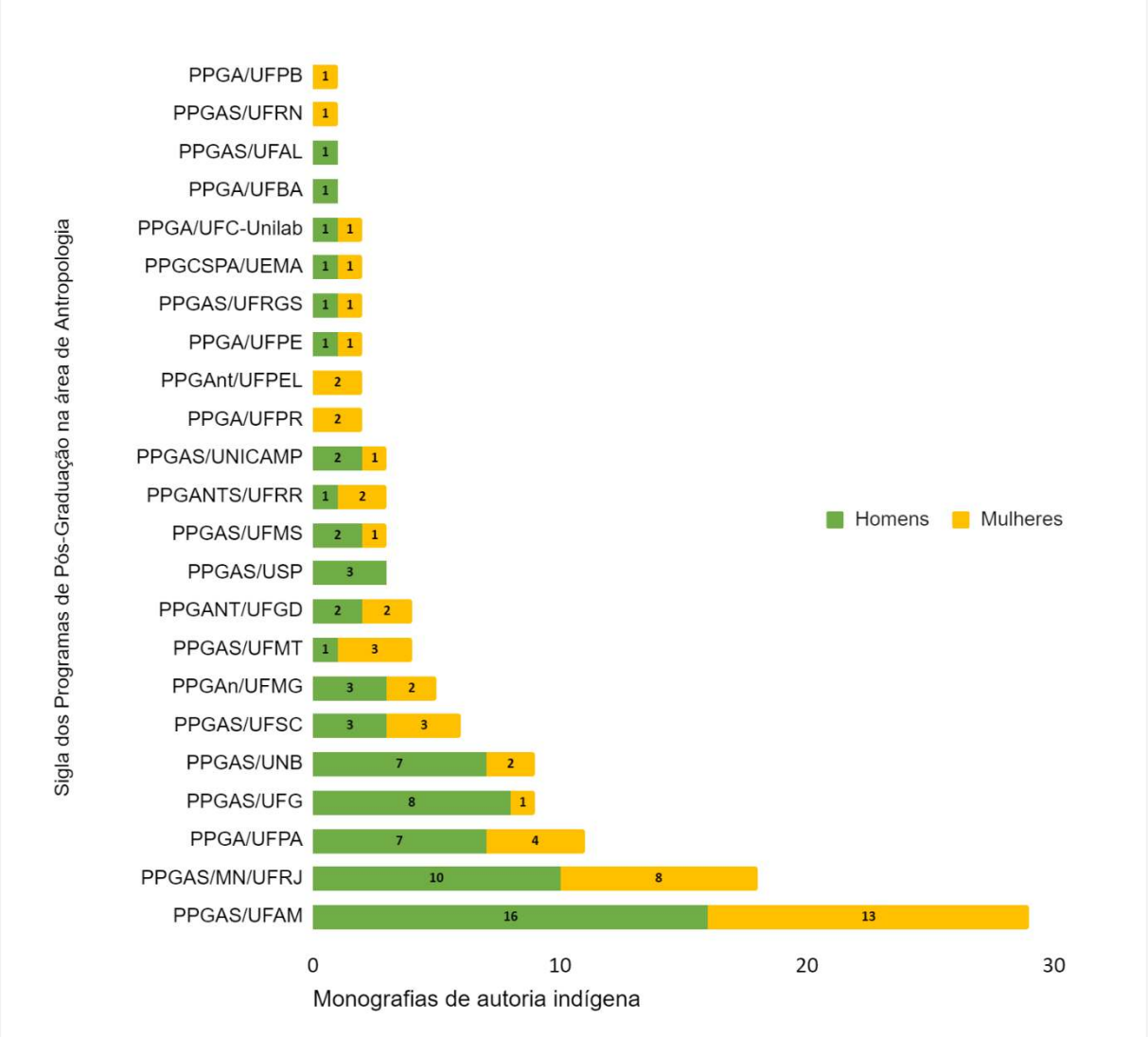
Em relação ao doutorado, percebemos que os programas contribuíram para a formação de doutoras/es de regiões diferentes das que estão inseridos – caso das defesas de João Rivelino Rezende Barreto (2019) e Rosilene Fonseca Pereira (2021), dos povos Tukano e Waíkhana, respectivamente, que defenderam suas teses no PPGAS/UFSC, ambos concluíram o mestrado no PPGAS/UFAM. Mas também notamos que muitos antropólogues continuam sua trajetória acadêmica nos programas ou instituições em que cursaram o mestrado. No PPGAS/UFAM ocorreram as defesas de mestrado e doutorado de João Paulo Lima Barreto (2021), povo Yepamahsã/Tukano, de Justino Sarmento Rezende (2021), povo Ʉtãpinopona/Tuyuka, e de Dagoberto Lima Azevedo (2022), Yepamahsã/Tukano. No PPGA/UFPA, os doutores/as Almires Machado Martins (2015), povos Guarani e Terena, Rosani de Fátima Fernandes (2017) e Edimar Antonio Fernandes (2018), povo Kaingang, são mestres em Direito pela mesma instituição. William César Lopes Domingues (2022), povo Xakriabá, concluiu o mestrado e doutorado em Antropologia no PPGA/UFPA e Nelly Barbosa Duarte Dollis cursou mestrado e doutorado no PPGAS/MN/UFRJ.[27]

Sobre a identidade de gênero-sexo das/os autoras/es, no Gráfico 3 abaixo apresentamos as informações levantadas. No período recortado para esta pesquisa, entre 2010 e 2022, acessamos 46 dissertações e 6 teses de indígenas mulheres, sendo uma dissertação de indígena mulher trans que aparece com a categoria ‘mulheres’ no gráfico. As identificações de gênero-sexo foram acessadas a partir dos nomes nas monografias, mas também atualizadas a partir dos eventos acadêmicos disponíveis *on-line* que acessamos. Trata-se de um conjunto de 52 monografias de indígenas mulheres, que responde a 42% do total.

[27]Note-se que o deslocamento para estudo é recorrente nas trajetórias acadêmicas de antropólogues indígenas como mostram os textos de Autaki Waurá (2021) e Nelly Duarte (2017).

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Gráfico 3 – Número de monografias de autoria indígena, por gênero-sexo, segundo os programas de pós-graduação na área de antropologia (sigla) – 2010 a 2022




Fonte: Elaboração das autoras, 2023

No Gráfico 3 optamos por manter a apresentação por instituição porque se em alguns programas localizamos uma produção mais equitativa de mulheres e homens - ou superior de mulheres - em outros há menor número de monografias defendidas por mulheres indígenas, como os casos do PPGAS/UFG, o PPGAS/UnB e o PPGA/UFPE.

Mais especificamente no nível do doutorado, há maior discrepância entre o número de teses de indígenas homens e indígenas mulheres. Das 21 teses, 15 são de autoria de homens e

apenas seis de mulheres indígenas[28]. Como observação a ser desenvolvida na continuidade desta pesquisa, assinalamos que a produção de indígenas mulheres reflete em temas de pesquisa: sete dissertações possuem como palavras-chave a categoria 'mulher'.

Em relação aos cursos de graduação, a partir das informações acessadas nos arquivos das monografias, mas principalmente na Plataforma *Lattes*, registramos que a maior parte das/os indígenas antropóloges concluíram cursos específicos para a formação de professoras/es indígenas. Agrupamos tais cursos em 'Licenciatura Intercultural' na Tabela 7 abaixo. Nos casos em que a/o pesquisador/a possui duas ou mais graduações, ambas foram consideradas.[29]

Tabela 7 - Autores indígenas de monografias defendidas nos programas de pós-graduação na área de antropologia entre 2010 a 2022, segundo a formação na graduação, Brasil

| Graduação | Total | Percentual |
|---|---|---|
| Licenciatura Intercultural | 29 | 22,7% |
| Pedagogia | 16 | 12,5% |
| Ciências Sociais | 15 | 11,7% |
| Antropologia | 10 | 7,8% |
| Direito | 9 | 7,0% |
| Filosofia | 8 | 6,3% |
| História | 6 | 4,7% |
| Letras | 4 | 3,1% |
| Administração | 4 | 3,1% |
| Biologia | 4 | 3,1% |
| Geografia | 3 | 2,3% |
| Arqueologia | 2 | 1,6% |
| Comunicação Social | 2 | 1,6% |
| Serviço Social | 2 | 1,6% |
| Teologia | 2 | 1,6% |
| Outros | 12 | 9,4% |
| Total | 128 | 100% |

Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

[28] Tratam-se das teses de Rosani de Fátima Fernandes/UFPA (2017), Francisca Navantino Pinto de Ângelo/UFRJ (2018), Eliane Boroponepa Monzilar/UnB (2019), Andréia Baia Prestes/UFPR (2020), Rosilene Fonseca Pereira/UFSC (2021), Nelly Barbosa Duarte Dollis/UFRJ (2022).
[29] São doze os casos em que a/o pesquisador/a possui mais de uma graduação.

As Licenciaturas Interculturais representam 22,7% da formação inicial de indígenas antropólogas, o que ressalta a importância destas para a área de Antropologia. Em seguida, observamos os seguintes cursos: Pedagogia (12,5%), Ciência Sociais (11,7%), Antropologia (7,8%), Direito (9,0%), Filosofia (6,3%), História (4,7%), Letras, Administração e Biologia (3,1%), Arqueologia, Comunicação Social, Serviço Social e Teologia (1,6%). Demais cursos, que aparecem apenas uma vez, foram reunidos em "Outros" na tabela e são: Artes Visuais, Biomedicina, Cinema, Design, Educação Física, Gestão Ambiental, Gestão Territorial, Informática, Matemática, Normal Superior, Psicologia e Turismo. Chama a atenção que as Licenciaturas Interculturais e a graduação em Pedagogia somem 35,2% dos cursos elencados e que Ciências Sociais e Antropologia somem 19,5%. Cabe considerar que o acesso à pós-graduação também está relacionado às políticas de ação afirmativa em cursos de graduação, sejam específicos ou não.

Na tabela em anexo, reunimos todas as monografias acessadas para esta pesquisa. Além de informações básicas para a consulta, como nome da autora/autor, título do trabalho, instituição/programa de pós-graduação, povo indígena e ano de defesa, incluímos também as/os orientadoras/es que acompanharam o desenvolvimento das dissertações e teses. Tratam-se de orientações realizadas por docentes não indígenas com produção relacionada às temáticas indígenas, mas o que aponta para a ausência de indígenas docentes na pós-graduação.[30]

## Considerações finais

A antropologia brasileira, especialmente a etnologia indígena, se constituiu em diálogo com as populações indígenas, a partir de um "constante intercâmbio entre as teorias indígenas e as teorias não indígenas possibilitado pelo encontro proporcionado pelo trabalho de campo, marca da disciplina", como assinala a Nota Celebrativa da ABIA lançada em março de 2022, quando o Prof. Gersem Luciano dos Santos se tornou o primeiro docente indígena do Departamento de Antropologia da UnB (2022). Considerando que o pensamento antropológico, como assinalam as/os colegas da ABIA, se atualiza a partir das perspectivas indígenas e que as agendas e metodologias de pesquisa não estão dissociadas das pessoas que as produzem,

[30] Tal ausência tem sido denunciada em diversos espaços, veja-se, por exemplo, a Nota Celebrativa da ABIA, lançada em 14 de março de 2022, quando o Prof. Gersem Luciano dos Santos se tornou o primeiro docente indígena do Departamento de Antropologia da UnB. (Disponível em: https://www.instagram.com/abia.indigena/)

ressaltamos a necessária atualização nos repositórios institucionais que obliteram as especificidades das autorias. As limitadas possibilidades de busca – por nome do autor e orientador, título, área de conhecimento e etc. – que não permitem a pesquisa por povo, raça e identidade de gênero seguem promovendo silenciamentos, reiterando e subsidiando o epistemicídio.

A redação deste texto suscitou uma série de questionamentos sobre a presença indígena nos programas de pós-graduação que não alcançamos responder[31]. O que realizamos foi um retrato da produção indígena na área de Antropologia a partir da reunião de dissertações e teses. Frente a ausência de informações sobre a produção de autoria indígena na área e os desafios para acessá-la para além das nossas redes, assumimos a tarefa de reunir e produzir dados que possam subsidiar novas pesquisas, mas também o fortalecimento das políticas de ação afirmativa. Assim, de forma exploratória, apresentamos informações sobre os povos indígenas presentes nos programas, a formação inicial e a identidade gênero de pesquisadoras/es. Em síntese, tais dados assinalam desafios específicos sobre a presença – ou ausência – de povos atendidos e sobre desigualdade de gênero, especialmente no nível do doutorado. Apontam ainda para a significativa contribuição dos cursos de Licenciatura Intercultural para os programas na área de Antropologia.

A partir do levantamento, observamos o crescimento da produção indígena na área da Antropologia, especialmente a partir de 2016, mas também que este tem se dado de modo diverso entre os programas. Há programas em que percebemos a continuidade e/ou crescimento da produção indígena, outros em que as monografias de autoria indígena aparecem de modo pontual e programas, em menor número, em que a produção indígena ainda é ausente. Trata de um processo em curso, recente e em crescimento, como mostramos, mas também atravessado por um período de pandemia cujos efeitos não conseguimos aferir. Contudo, cabe chamar atenção para o amplo terreno existente entre a adoção de políticas de ação afirmativa e a finalização dos cursos. Isso significa também considerar a existência de vagas, em editais específicos ou não, e o seu preenchimento de fato, o que requer avaliação e estratégias de cada programa. Nos próximos anos, com a continuidade deste levantamento, será possível acompanhar a tendência de crescimento das monografias de autoria indígena observadas no

[31] Seria, ademais, interessante expandir a pesquisa para demais programas de pós-graduação das áreas afins à antropologia e incluir no levantamento a produção quilombola também invisibilizada nos modos de divulgação científica.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

material que produzimos, o que é também um modo de acompanhar o desenvolvimento e consolidação de políticas de ação afirmativa na pós-graduação.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

# Anexo

Anexo 1 – Tabela com as dissertações e teses de autoria indígena nos programas de pós-graduação na área de Antropologia, Brasil – 2000 a 2022

| Programa de Pós-Graduação em Antropologia Sigla | Ano de defesa | Nível | Autor/a | Povo indígena | Orientação e coorientação | Título da monografia |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **PPGAS/UFAL** | 2020 | Mestrado | Cássio Júnio Ferreira da Silva | Xukuru-Kariri | Cláudia Mura | "A luta por terra não traz diárias, somente perseguição": Processo demarcatório e retomadas Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios – AL |
| **PPGA/UFBA** | 2020 | Mestrado | Jerry Adriane Santos De Jesus | Pataxó | Danilo Paiva Ramos. Coorientadora: Maria Rosário Gonçalves de Carvalho | Formas de exercício de poder: Narrativas e alteridades nos processos de organização comunitária na Aldeia Pataxó Barra Velha |
| **PPGA/UFPB** | 2022 | Mestrado | Maria Elita do Nascimento | Potiguara | Fabio Mura | Vivendo na cidade: uma etnografia sobre grupos domésticos potiguara em Mataraca (PB) |
| **PPGAS/UFRN** | 2021 | Mestrado | Tayse Michelle Campos da Silva | Potiguara | José Glebson Vieira | Mulheres indígenas Mendonça: Cotidiano, resistência e luta por direitos no Rio Grande do Norte |
| **PPGCSPA/UEMA** | 2016 | Mestrado | Enoc Moises Merino Santi | Kichwa | Rosa Elizabeth Acevedo Marín. Coorientador Alfredo Wagner Berno de Almeida | Allpamanda, kawsaymanda, jatarishun allampamanda muskuykuna tuparishka. Por la tierra, por la vida, despertemos confrontación entre visiones sobre el território |
| | 2018 | Mestrado | Rosa Eliana Torres | Tremembé | Patrícia Maria Portela Nunes. Coorientador: Alfredo Wagner Berno de Almeida | Povo Tremembé: Deslocamentos territoriais e formas de mobilização étnica |
| **PPGAnt/UFPEL** | 2018 | Mestrado | Maria de Fátima Nascimento Urruth | Apurinã | Jorge Eremites de Oliveira | "Terra, Vida, Justiça e Demarcação": Mulheres Kaiowá e a luta pela Terra Indígena Taquara, município de Juti, Mato Grosso do Sul, Brasil |
| | 2021 | Mestrado | Laísa Arlene Sales Ribeiro | Kaingang | Lori Altmann | Cultura de resistência entre memórias e imaginação à materialização: Meninos/homens kaingang na contemporaneidade na Terra Indígena Guarita/RS |
| **PPGA/UFPR** | 2010 | Mestrado | Andréia Baia Prestes | Puri | Miguel A. Carid Naveira | Ao abrigo da família. Emoções, cotidiano e relações em instituições de abrigamento de crianças e adolescentes em situação de risco social e familiar |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 2020 | Doutorado | Andréia Baia Prestes | Puri | Miguel A. Carid Naveira | "Unir para lutar; unificar para vencer": um estudo etnográfico da organização indígena Federação do Povo Huni Kui do Acre – FEPH |
| **PPGAS/UFRGS** | 2020 | Mestrado | Douglas Jacinto da Rosa | Kaingang | Cornelia Eckert | Território, territorialidades, narrativas e retomada Kaingang na bacia hidrográfica do Alto Uruguai: um ensaio etnográfico em Goj Vêso |
| **PPGAS/UFRGS** | 2021 | Mestrado | Elis Alberta Ribeiro dos Santos | Mura | Pablo Quintero | Reprodução da vida warao: impactos e transformações a partir do contexto urbano de Manaus/AM |
| **PPGA/UFC-Unilab** | 2021 | Mestrado | Francisco Reginaldo da Silva Santos | Kanindé | Isabelle Braz Peixoto da Silva | A caça como ferramenta de autoafirmação étnica do povo indígena Kanindé de Aratuba: do museu ao mondé |
| | 2022 | Mestrado | Juliana Alves | Jenipapo-Kanindé | Rhuan Carlos dos Santos Lopes | Cacique Pequena do Povo Jenipapo Kanindé: Trajetória e protagonismo das mulheres indígenas no movimento indígena do Ceará |
| **PPGANTS/UFRR** | 2018 | Mestrado | Edilaise Santos Vieira (Nita Tuxá) | Tuxá | Elaine Moreira | Nem injeção e nem xabori: reflexões sobre trabalhos de saúde mental em contextos indígenas de Roraima |
| | 2019 | Mestrado | Marcos Maciel Lima Cunha | Macuxi | Marcos Antonio Pellegrini | Centro de Documentação Indígena dos Missionários da Consolata: o processo de construção de um espaço memorial para os Povos Indígenas de Roraima |
| | 2020 | Mestrado | Melina Carlota Pereira | Macuxi | Manuela Souza Siqueira Cordeiro | De eru a comadre: mulheres indígenas e as mulheres não indígenas no município de Normandia |
| **PPGAS/UNICAMP** | 2012 | Mestrado | Jimena Gloria Pichinao Huenchuleo | Mapuche | Vanessa Rosemary Lea | Todavía sigo siendo mapuche en otros espacios territoriales (Mapuchewkülekan kake Fütal mapu mew) |
| | 2012 | Mestrado | José Quidel Lincoleo | Mapuche | Vanessa Rosemary Lea | La idea de "dios" y "diablo" en el discurso ritual mapuche. Las resignificaciones de las categoría dios y diablo entre las autoridades socioreligiosas mapuche del territorio wenteche |
| | 2020 | Doutorado | José Quidel Lincoleo | Mapuche | Vanessa Rosemary Lea | La noción mapuche de che (persona) |
| **PPGAS/USP** | 2021 | Mestrado | Emerson de Oliveira Souza | Guarani Nhandewa | Renato Sztutman | Povos Indígenas na metrópole: Movimento, universidade e invisibilidade na maior cidade da América |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 2021 | Mestrado | Jaime da Silva Mayuruna | Matsés | Marina Vanzolini Figueiredo. Coorientadora: Beatriz Perrone Moisés | Tantiabenash shubinun na: Aprenda para chorar |
| | 2021 | Mestrado | Tiago de Oliveira | Guarani Nhandewa | Marta Rosa Amoroso | Perspectiva guarani nhandewa sobre formação intercultural de professores indígenas: Ancestralidade, espiritualidade, cosmologias e línguas indígenas |
| **PPGANT/UFGD** | 2019 | Mestrado | Celuniel Aquino Valiente | Kaiowá | Levi Marques Pereira | Modos de produção de coletivos kaiowá na situação atual da Reserva de Amambai, MS |
| | 2021 | Mestrado | Maristela Aquino Insfram | Guarani e Kaiowá | Rosa Sebastiana Colman | O dilema da fome entre os alunos da escola municipal indígena Lacuí Roque Isnard – Dourados/MS. Registro das experiências em agroecologia com as famílias |
| **PPGANT/UFGD** | 2022 | Mestrado | Antônio Carlos Benites | Kaiowá | Beatriz dos Santos Landa | Mba´e kuaa vussu ha Nhande Ru Vussu Rembiapó: A topologia do cosmos kaiowá e da construção de donos e guardiões dos conhecimentos |
| | 2022 | Mestrado | Ebifânia da Silva Ortiz | Kaiowa | Aline Castilho Crespe | Vida e língua kaiowa: um estudo na comunidade Panambi Lagoa Rica (MS). Teko há nhe'ẽ Kaiowa. Pete'i Jeha'ipy Tekoha Panambi Lagoa Rica py (MS) |
| **PPGAS/UFMS** | 2019 | Mestrado | Gilberto Pires | Ejiwajegi/Kadiwéu | Antonio Hilário Aguilera Urquiza | As fronteiras da educação indígena – considerações de um professor Ejiwajegi sobre a escola intercultural |
| | 2019 | Mestrado | Gilson Tiago | Terena | Álvaro Banducci Junior | Kixovoku hômo terenoe: Um estudo antropológico sobre o jeito Terena de se pintar |
| | 2020 | Mestrado | Tanaíra Silva Sobrinho | Terena | Tiago Duque | "Eu gosto mesmo é de mulher": afetos e desejos dissidentes entre mulheres indígenas em Mato Grosso do Sul |
| | 2021 | Mestrado | Neimar Leandro Marido Kiga | Boe Bororo | Antonio Hilário Aguilera Urquiza | Pinturas faciais boe: máscaras sociais da identidade e alteridade de um povo |
| **PPGAS/UFMT** | 2018 | Mestrado | Helena Indiara Ferreira Corezomaé | Umutina/Balatiponé | Carmen Lúcia da Silva | Pinturas Corporais: revitalização de uma expressão cultural Umutina/Balatiponé |
| | 2018 | Mestrado | Adriano Boro Makuda | Boe Bororo | Carmen Lúcia da Silva | Direito ao espaço memorial Bóe-Boróro |
| | 2020 | Mestrado | Adriana Uleiro Kavopi | Kurâ-Bakairi | Sônia Regina Lourenço. Coorientador: Marcos Aurélio da Silva | A arte e socialidade entre as pekodomondo (mulheres) Kurâ-Bakairi |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 2022 | Mestrado | Alessandra Corezomaé Boroponepá | Balatiponé | Sonia Regina Lourenço | Sociabilidades contemporâneas balatiponé |
| **PPGAn/UFMG** | 2019 | Mestrado | Edgar Nunes Correa | Xakriabá | Ruben Caixeta de Queiroz | Etnovisão. O olhar indígena que atravessa a lente |
| | 2021 | Mestrado | Viviane Cajusuanaima Rocha | Ye'kwana | Karenina Vieira Andrade | Ädeeja: Soberania alimentar do Povo Ye'kwana |
| | 2022 | Mestrado | Alessandro Santos da Cruz | Pataxó | | |
| | 2022 | Mestrado | Jaime Xamen Wai Wai | WaiWai | Ruben Caixeta de Queiroz | Etnografia e história das aldeias antigas do Rio Kikwo, Pará, Brasil |
| | 2022 | Mestrado | Roque Yaxikma Wai Wai | WaiWai | Ruben Caixeta de Queiroz | A música na tradição indígena Wai Wai: uma descrição etnográfica sobre as flautas (raatî) |
| **PPGA/UFPE** | 2001 | Mestrado | Dorvalino São José Velasques Chagas | Waikhanã/Piratapuia | Renato Athias | Cosmologia, mitos e histórias: o mundo dos Pamulin Mahsã Waikhana do Rio Papuri-Amazonas |
| | 2006 | Mestrado | Ivo Fernandes Fontoura | Talyáseri/Tariano | Renato Athias | Formas de transmissão de conhecimentos entre os Tariano da região do rio Uaupés-AM |
| **PPGA/UFPE** | 2007 | Mestrado | Adão Oliveira | Talyáseri/Tariano | Renato Athias | Etnomatemática dos Taliáseri: medidores de tempo e sistemas de numeração |
| | 2012 | Mestrado | Oséias Ramos Marinho | Yepamahsã/Tukano | Renato Athias | Identidade e hierarquia entre os Turoporã do Rio Tiquié, Amazonas |
| | 2019 | Mestrado | Elisa Urbano Ramos | Pankararu | Russell Parry Scott | Mulheres lideranças indígenas em Pernambuco, espaço de poder onde acontece a equidade de gênero |
| **PPGAS/UFSC** | 2016 | Mestrado | Joziléia Daniza Jagso Inacio Jacodsen Schild | Kaingang | Evelyn M Schuler Zea | Mulheres Kaingang, seus caminhos, políticas e redes na TI Serrinha |
| | 2017 | Mestrado | Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazi | Kaingang | Antonella Maria Imperatriz Tassinari | Espiritualidade e conhecimentos da mata na formação dos especialistas de curas Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC |
| | 2019 | Doutorado | João Rivelino Rezende Barreto | Tukano | Evelyn Martina Schuler Zea. Coorientador: Oscar Calávia Saez | Úkusse: Forma de conhecimento tukano via arte do diálogo kumuãnica |
| | 2020 | Mestrado | Davi Timóteo Martins | Mbya | Antonella Maria Imperatriz Tassinari | Kyringue'i kuery nhemongarai: a criança mbya guarani e a nominação - nome espírito nhe'e |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 2021 | Mestrado | Ítalo Rodrigo Mongconãnn Reis | Laklãnõ/Xokleng | Evelyn Martina Schuler Zea | Pãn Vanh – Rastros: Vídeo-carta para meu avô, Orlando Mongconãnn, e memória |
| | 2021 | Doutorado | Rosilene Fonseca Pereira | Waíkhana | Antonella Maria Imperatriz Tassinari | Cuidados na criação de gente: habilidades e saberes importantes para viver no Alto Rio Negro |
| **PPGAS/UFG** | 2019 | Mestrado | Letícia Jôkàhkwyj Krahô | Mehĩ/Krahô | Alexandre Ferraz Herbetta | Pjê ita jê kâm mã itê ampô kwy jakrepej: Das possibilidades das narrativas na educação escolar do povo krahô |
| | 2019 | Mestrado | Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé | Panhĩ/Apinajé | Alexandre Ferraz Herbetta | Mẽ ixpapxà mẽ ixàhpumunh mẽ ixujahkrexà: território, saberes e ancestralidade nos processos de educação escolar Panhĩ |
| | 2020 | Mestrado | Afonso Tiikwa Xerente | Akwe Xerente | Joana Aparecida Fernandes Silva | Iknô kãtô, Ĩsitro nã akwe krsakrtamnõze dasĩpsêwa Kãtô kmã psêkwaĩnõrĩ, Danõhikwa – A corrida de toras curtas e longas entre o povo Akwe Xerente no Das Pê - festa cultural |
| | 2020 | Mestrado | Koria Valdvane Tapirapé | Apyãwa | Joana Aparecida Fernandes Silva | A produção do corpo e da pessoa entre o Apyãwa - resguardos, alimentos para os espíritos e transição alimentar |
| | 2020 | Mestrado | Fábio Ubre'a Abdzu | A'uwẽ Uptabi/Xavante | Gabriel Omar Alvarez | "Podem quebrar o maracá, mas não vão quebrar nossa tradição". Datsimadzébré, ritual Xavante de iniciação dos Danhohuiwa e dos Wapté |
| | 2021 | Mestrado | Michael Rã'wa Tsa'e'omo'wa | A'uwẽ Uptabi/Xavante | Gabriel Omar Alvarez | Danhônô. Ritual de passagem A'uwẽ Uptabi (Xavante) |
| | 2021 | Mestrado | Autaki Waurá | Wauja | Camila Mainardi | Wauja Ọnáka, Ọnakiyejetuwãpitsana: Reclusão pubertária, saúde, beleza e o saber-fazer do algodão |
| | 2021 | Mestrado | Oziel Irongukre Canela | Memõrtumre-Kanela | Camila Azevedo de Moraes Wichers | Amji kin cukrêj jakràjti kôt, me pancaca xà impejti pê Memõrtumre-Kanela jõ amji kin kôt haren xá/ Os valores culturais Memõrtumre-Kanela por meio de objetos sagrados e enfeites rituais |
| **PPGAS/UFG** | 2022 | Doutorado | Vilmar Martins Moura Guarany | Guarani Mbya | Mônica Thereza Soares Pechinha | Nhandereko: Nosso Direito |
| **PPGAS/UnB** | 2006 | Mestrado | Gersem José dos Santos Luciano | Baniwa | Henyo Trindade Barretto Filho | "Projeto é como branco trabalha; as lideranças que se virem para aprender e nos ensinar": experiências dos povos indígenas do Alto Rio Negro |
| | 2011 | Doutorado | Gersem José dos Santos Luciano | Baniwa | Stephen Grant Baines | Educação para manejo e domesticação do Mundo: Entre a escola ideal e a escola real. Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 2017 | Mestrado | Felipe Sotto Maior Cruz | Tuxá | Luis Abraham Cayón Durán | 'Quando a terra sair' Os índios Tuxá de Rodelas e a barragem de Itaparica: memórias do desterro, memórias da resistência |
| | 2018 | Mestrado | Francisco da Silva Sarmento | Dahsea/Tukano | Luis Abraham Cayón Durán | O Médio Rio Negro indígena: aspectos históricos, socioculturais e panorama antropológico contemporâneo |
| | 2019 | Mestrado | Jose Carlos Batista Magalhães | Tupinambá | Stephen Grant Baines | O que nós queremos é uma escola com o cheiro do nativo: os modos de apropriação da escola pelos Tupinambá de Olivença |
| | 2019 | Mestrado | Lidiane da Conceição Alves | Kariú Kariri | Stephen Grant Baines | Mulheres indígenas na pós-graduação: trajetórias e re-existências |
| | 2019 | Doutorado | Eliane Boroponepa Monzilar | Balatiponé Umutina | Antonádia Monteiro Borges | Aprender o conhecimento a partir da convivência: uma etnografia indígena da educação e da escola do povo Balatiponé-Umutina |
| | 2019 | Doutorado | Francisco de Moura Cândido | Apurinã | Marcela Stockler Coelho | Do licenciamento ambiental à licença dos espíritos: os "limites" da rodovia federal BR 317 e os povos indígenas |
| | 2021 | Mestrado | Iury da Costa Felipe | Magüta/Tukúna | Silvia Maria Ferreira Guimarães | Aqui nós, Magütagü, nascemos e (re)existimos: aspecto histórico das invasões no Alto Rio Solimões, Amazonas |
| | 2022 | Doutorado | Felipe Sotto Maior Cruz | Tuxá | Luis Abraham Cayón Durán. Coorientadora: Alcida Rita Ramos | Letalidade branca. Negacionismo, violência anti-indígena e as políticas de genocídio |
| **PPGA/UFPA** | 2015 | Doutorado | Almires Machado Martins | Guarani e Terena | Jane Felipe Beltrão | Exá raú mboguatá guassú mohekauka yvy marãe'y. De Sonhos ao oguatá guassú em busca da(s) terra(s) isenta(s) de mal |
| | 2017 | Mestrado | William César Lopes Domingues | Xakriabá | Jane Felipe Beltrão | Cachaça, concreto e sangue! Saúde, alcoolismo e violência. Povos indígenas no contexto da hidrelétrica de Belo Monte |
| | 2017 | Doutorado | Rosani de Fátima Fernandes | Kaingang | Jane Felipe Beltrão | "Na educação continua do mesmo jeito": retomando os fios da história tembé tenetehara de Santa Maria do Pará |
| | 2018 | Mestrado | Eliene dos Santos Rodrigues | Baré | Sidney Emanuel Batista Santos | Saúde da indígena mulher: Antropologia e câncer do colo de útero nas etnias Xikrin do Cateté e Asurini do Trocará no Pará, Amazônia, Brasil |
| **PPGA/UFPA** | 2018 | Doutorado | Edimar Antonio Fernandes | Kaingang | Jane Felipe Beltrão | Políticas afirmativas para povos indígenas – sob o olhar dos protagonistas |
| | 2019 | Mestrado | Adonias Guiome Ioiô | Palikur-Arukwayene | Jane Felipe Beltrão | Kayka aramtem (Dança/festa do Turé) entre os Palikur-Arukwayene |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 2021 | Mestrado | Bruna Josefa de Oliveira Vaz | Maytapu | Fabiano de Souza Gontijo | Emanuela Sousa e o movimento indígena no Baixo Tapajós |
| | 2022 | Mestrado | Alarcidio Figueiredo Narciso | Galibi-Marworno | Julia Otero dos Santos | A festa do pajé: ritual e xamanismo Galibi-Marworno |
| | 2022 | Mestrado | Alex Batista Silva | Tembé | Katiane Silva | "A nossa escola já é a nossa aldeia": construção política da educação escolar Tembé/Tenetehar das aldeias Jeju e Areal na antropologia |
| | 2022 | Mestrado | Luana da Silva Cardoso | Kumaruara | Katiane Silva | Kirimbawa: forte e valente articulação de mulheres indígenas do Baixo Tapajós |
| | 2022 | Doutorado | William César Lopes Domingues | Xakriabá | Jane Felipe Beltrão | Entre o ouvido e o escutado: uma história da saúde indígena no Brasil |
| **PPGAS/MN/UFRJ** | 2009 | Mestrado | Tonico Benites | Kaiowá | João Pacheco de Oliveira Filho | A escola na ótica dos Ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas |
| | 2010 | Mestrado | Mutua Mehinaku | Kuikuro | Bruna Franchetto | Tetsualü: pluralismo de línguas e pessoas no Alto Xingu |
| | 2014 | Doutorado | Tonico Benites | Kaiowá | João Pacheco de Oliveira Filho | Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico do Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha |
| | 2016 | Mestrado | Simone Eloy Amado | Terena | Antonio Carlos de Souza Lima | O ensino superior para os povos indígenas de Mato Grosso do Sul: desafios, superação e profissionalização |
| | 2017 | Mestrado | Nelly Barbosa Duarte Dollis | Marubo | Bruna Franchetto | Nokẽ mevi revõsho shovima awe. "O que é transformado pelas pontas das nossas mãos": o trabalho manual dos Marubo do rio Curuçá |
| | 2017 | Mestrado | Osmar Carlos da Silva | Ye'kwana | Carlos Fausto | Cantos celestes: uma etnografia da tradição musical Ye'kuana (Roraima, BR) |
| | 2018 | Mestrado | Cristiane Gomes Julião | Pankararu | Antonio Carlos de Souza Lima | Os povos indígenas e o Estado brasileiro: a luta pelo território e o meio ambiente ecologicamente equilibrado a partir das leis |
| | 2018 | Mestrado | Sandra Benites | Guarani Nhandewa | Bruna Franchetto | Viver na língua guarani nhandewa (mulher falando) |
| | 2018 | Doutorado | Francisca Navantino Pinto de Ângelo | Paresi | Bruna Franchetto | Educação escolar indígena entre os povos de Mato Grosso: Cinco casos, Cinco estudos |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **PPGAS/MN/UFRJ** | 2019 | Mestrado | Bartolomeu Cícero dos Santos | Pankararu | João Pacheco de Oliveira | Zeladores de encantos: Memórias do tronco velho pankararu |
| | 2019 | Mestrado | Francineia Bitencourt Fontes | Baniwa | Eduardo Viveiros de Castro | Hiipana, eeno hiepolekoa: Construindo um pensamento antropológico a partir da mitologia Baniwa e de suas transformações |
| | 2019 | Doutorado | Luiz Henrique Eloy Amado | Terena | Antonio Carlos de Souza Lima | Vukapanavo: o despertar do povo Terena para os seus direitos - movimento indígena e confronto político |
| | 2020 | Mestrado | Idjahure Achkar de Mendonça Pinto Kadiwel | Ejiwajegi/Kadiwéu | Carlos Fausto | Do bugre ao trickster: Memórias de meu pai Mac Suara Kadiwéu |
| | 2020 | Mestrado | Maria Isabel de Oliveira da Silva | Dessano | Carlos Fausto | Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro em Manaus: uma etnografia da AMARN |
| | 2020 | Mestrado | Mário Félix Irineu | Tikuna | Marília Lopes da Costa Facó Soares. Coorientadora: Ana Luisa Borba Gediel | Educação tikuna: modalidade diferenciada de ensino em uma escola tikuna |
| | 2020 | Mestrado | Wilemar Pereira de Moura | Guarani Mbyá | João Pacheco de Oliveira | "Resistir para existir". Povos indígenas e a luta pela terra. Um olhar a partir da Terra Indígena Tupã Nhê Kretã |
| | 2022 | Mestrado | João Bento Ramos | Ticuna | Marilia Lopes Da Costa Facó Soares | A cura está na floresta: plantas e trânsitos ticuna na fronteira do Peru e Brasil durante a pandemia da covid-19 |
| | 2022 | Doutorado | Enoc Moises Merino Santi | Kichwa | João Pacheco de Oliveira Filho. Coorientadora: Luisa Elvira Belaunde Olschewski | Warmipangui kichwa canelos (Amazonía ecuatoriana): memoria, afectividad, cuerpo y persona |
| | 2022 | Doutorado | Nelly Barbosa Duarte Dollis | Marubo | Bruna Franchetto. Coorientadora: Vanessa Lea | Noke yôra nõ nori yoãná “nós, yôra, falamos de nós mesmos” |
| **PPGAS/UFAM** | 2012 | Mestrado | Inara do Nascimento Tavares | Sateré-Mawé | Maria Helena Ortolan | Formar gestores indígenas e fazer trajetórias: Configurações das Políticas Indígenas e Indigenistas no Médio Solimões. |
| | 2012 | Mestrado | João Rivelino Rezende Barreto | Tukano | Carlos Machado Dias Jr. | Formação e transformação de coletivos indígenas no Noroeste Amazônico: Do mito à sociologia das comunidades |
| | 2013 | Mestrado | João Paulo Lima Barreto | Yepamahsã/Tukano | Gilton Mendes dos Santos. Coorientadores: Geraldo Mendes dos Santos e Kumu Ovídio Lemos Barreto Tukano | Wai-Mahsã: Peixes e humanos. Um ensaio de Antropologia Indígena |
| | 2013 | Mestrado | Rosilene Fonseca Pereira | Waíkhana | Deise Lucy Montardo | Criando gente no Alto Rio Negro: um olhar waíkhana |
| | 2014 | Mestrado | Mislene Metchacuna Martins Mendes | Tikuna | Maria Helena Ortolan | A trajetória da polícia indígena do Alto Solimões: Política indigenista e etnopolítica entre os Ticuna |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **PPGAS/UFAM** | 2015 | Mestrado | May Anyely Moura da Costa | Tikuna | Deise Lucy Oliveira Montardo | "Nós, Ticuna, temos que cuidar da nossa cultura": Um estudo sobre o ritual de iniciação feminina entre os Ticuna de Umariaçú I, Tabatinga, Alto Solimões (AM) |
| | 2016 | Mestrado | Dagoberto Lima Azevedo | Yepamahsã/Tukano | Carlos Machado Dias Junior | Forma e conteúdo do Bahsese Yepamahsã (Tukano). Fragmentos do espaço di´ta/nʉhkʉ |
| | 2016 | Mestrado | Deyse Silva Rubim | Kokama | Ana Carla Dos Santos Bruno | Traçando novos caminhos: ressignificação dos Kokama em Santo Antônio do Içá, Alto Solimões – AM |
| | 2016 | Mestrado | Gabriel Sodré Maia | Yepamahsã/Tukano | Gilton Mendes dos Santos | Bahsamori. O tempo, as estações e as etiquetas sociais dos Yepamahsã (Tukano) |
| | 2016 | Mestrado | Liliane Lizardo Salgado | Baré | Frantomé Bezerra Pacheco. Coorientadora: Deise Lucy Oliveira Montardo | Mutawarisá: Benzimento entre os Baré de São Gabriel da Cachoeira - Alto Rio Negro |
| | 2017 | Mestrado | Dimas Fonseca Pereira | Waikhanã/Piratapuia | Thereza Cristina Cardoso Menezes | Entre a proteção e a degradação: um estudo sobre as denúncias de crimes ambientais envolvendo indígenas em Manaus |
| | 2017 | Mestrado | Iranilde Barbosa dos Santos | Macuxi | Maria Helena Ortolan. Coorientadora: Fátima Weiss de Jesus | Violência contra mulheres indígenas macuxi: De experiências narradas a soluções coletivas |
| | 2018 | Mestrado | Alexandre Aniceto de Souza | WaiWai | Carlos Machado Dias Junior | WaiWai yana komo Rotas de transformações ameríndias. Um estudo de caso na região das Guianas |
| | 2018 | Mestrado | Andrezinho Fernandes Cruz | Kambeba | Maria Helena Ortolan | "Representantes" indígenas no Estado brasileiro: Análise da trajetória participativa da coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira nas esferas do indigenismo estatal |
| | 2018 | Mestrado | Jaime Moura Fernandes | Ũmʉkori Mahsã/Desana | Gilton Mendes dos Santos. Coorientadores: Justino Sarmento Rezende, Kumu Diakuru e Americo Castro Fernandes | Gaapi. Elemento fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos |
| | 2019 | Mestrado | Cléia Alice Morais da Silva | WaiWai | Ana Carla dos Santos Bruno | Educação escolar indígena waiwai em Roraima: Um Processo em construção |
| | 2019 | Mestrado | Eriki Aleixo de Melo | Wapichana | Alfredo Wagner Berno de Almeida | Situação social, dinâmica territorial e mobilização étnica na comunidade Serra do Truarú (Terra Indígena Serra da Moça, Etnorregião Murupú), Boa Vista-RR. |
| | 2019 | Mestrado | Marilene Aicate Peres | Kokama | Márcia Regina Calderipe Farias Rufino | "Mujeres en la venta": Família e relações de gênero na fronteira amazônica - Brasil e Peru |
| | 2019 | Mestrado | Silvio Sanches Barreto | Bará | Carlos Machado Dias Junior | Transformações pelo basesé nas práticas tukano sobre concepção, gestação e nascimento da criança |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 2020 | Mestrado | Gilberxe Santana Penaforte | Kaixana | Priscila Faulhaber Barbosa | O povo Kaixana no município de São Paulo de Olivença: histórias e trajetórias emancipatórias |
| | 2021 | Mestrado | Clarinda Maria Ramos | Sateré-Mawé | Deise Lucy Oliveira Montardo | Cantos e danças Sateré-mawe: uma antropologia da musicalidade sateré-mawé |
| | 2021 | Mestrado | Ely Ribeiro de Souza | Macuxi | Raimundo Nonato Pereira da Silva | "Relações interétnicas em contexto urbano: Coordenação dos Povos Indígenas de Manaus e Entorno - COPIME |
| | 2021 | Mestrado | Mayra Luz Alvarado Davila | Yahua | Raimundo Nonato Pereira da Silva | O ensino e aprendizagem da língua espanhola aos indígenas kokama do bairro Grande Vitoria em Manaus |
| **PPGAS/UFAM** | 2021 | Mestrado | Roberto Suarez Rengifo | Yahua | Raimundo Nonato Pereira da Silva | A Interpretação dos desenhos kené Shipibo-Conibo |
| | 2021 | Doutorado | João Paulo Lima Barreto | Yepamahsã/Tukano | Gilton Mendes dos Santos. Coorientadores: Kumu Ovídio Lemos Barreto, Kumu Manoel Lima e Kumu Durvalino Moura Fernandes | Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma "teoria" sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro |
| | 2021 | Doutorado | Justino Sarmento Rezende | Ʉtãpinopona/Tuyuka | Gilton Mendes dos Santos | A festa das frutas uma abordagem antropológica das cerimônias rituais entre os Ʉtãpinopona (Tuyuka) do Alto Rio Negro |
| | 2022 | Mestrado | Ana Mary Mello de Azevedo | Mura | João Pacheco de Oliveira Filho. Coorientador: Alfredo Wagner Berno de Almeida | Dança da cutia: minha cultura, minha identidade na escola mura |
| | 2022 | Mestrado | Jonilda Hauwer Gouveia | Tariana | Glenn Harvey Shepard Jr. | Perspectiva etnoentomológica tariana |
| | 2022 | Doutorado | Dagoberto Lima Azevedo | Yepamahsã/Tukano | Gilton Mendes dos Santos | Páti: Ye´pamasa ná oãʉ´pʉri (Pátu: pó da memória e do conhecimento tukano) |

Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Gabriela Augustha. Antropólogos indígenas propõem descolonização do pensamento para combater epistemicídio. UFMG Notícias, Belo Horizonte, 31 de julho de 2021. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/antropologos-indigenas-proproem-descolonizacao-do-pensamento-para-combater-epistemicidio Acesso em 21 de setembro de 2022.

ÂNGELO, Francisca Navantino Pinto de [Chikinha Paresi]. 2018. *Educação Escolar Indígena entre os povos de Mato Grosso*: Cinco casos, Cinco estudos. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional.

ANTROPOLOGIA SOCIAL É TEMA DE DEFESA DE MESTRANDO INDÍGENAS. O Estado Online, Campo Grande, 01 de agosto de 2019. Cotidiano. Disponível em: https://oestadoonline.com.br/cotidiano/defesaindigena/. Acesso em 31 de julho de 2022.

AZEVEDO, Ádria. Marco: UFPA tem primeiro Indígena Doutor. Comunicação do IFCH/UFPA, Belém, 23 de novembro de 2015. Disponível em: https://ppga.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/noticias/todas/55-marco-ufpa-tem-primeiro-indigena-doutor Acesso em 31 de julho de 2022.

AZEVEDO, Dagoberto Lima. 2022. *Pátu*: ye´pamasa ná oãʉ´pʉri (Pátu: pó da memória e do conhecimento tukano). Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas.

BARRETO, João Paulo Lima. 2021. *Kumuã na kahtiroti-ukuse*: uma "teoria" sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas.

BARRETO, João Paulo Lima. 2013. *Wai-Mahsã*: Peixes e Humanos. Um ensaio de Antropologia Indígena. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas.

BARRETO, João Rivelino Rezende. 2012. *Formação e transformação de coletivos indígenas no Noroeste Amazônico*: do mito à sociologia das comunidades. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas.

BARRETO, João Rivelino Rezende. 2019. *Úkusse*: Forma de conhecimento tukano via arte do diálogo kumuãnica. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

BENITES, Antonio Carlos. 2022. "Autobiografia: Uma trajetória acadêmica kaiowá e guarani". *Revista Desenvolvimento Social*, Montes Claros, 28(2):79-99. DOI: 10.46551/issn2179-6807v28n2p79-99.

BENITES, Tonico. 2009. *A escola na ótica dos Ava Kaiowá*: impactos e interpretações indígenas. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional.

BUENO, Leticia. Mestrandos indígenas em Antropologia Social defendem dissertações. UFMS Notícias, Campo Grande, 31 de julho de 2019. Disponível em: https://www.ufms.br/mestrandos-indigenas-em-antropologia-social-defendem-dissertacoes/. Acesso em 31 de julho de 2022.

CHAGAS, Dorvalino São José Velasques [Dorvalino Piratapuia]. 2001. *Cosmologia, mitos e histórias*: o mundo dos Pamulin Mahsã Waikhana do Rio Papuri. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco.

CRUZ, Felipe Sotto Maior. 2016. "Indígenas antropólogos e o espetáculo da alteridade". *Série antropologia*. Brasília: DAN/UnB, v. 456.

DAL BÓ, Talita Lazarin. 2018. *A presença de estudantes indígenas nas universidades:* entre ações afirmativas e composições de modos de conhecer. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.

DANTAS, Alessandra. Primeira mulher indígena no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFMG conclui mestrado. UFMG Notícias, Belo Horizonte, 07 de junho de 2021. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/primeira-mulher-indigena-no-programa-de-pos-graduacao-em-antropologia-da-ufmg-conclui-mestrado Acesso em 31 de julho de 2022.

DOLLIS, Nelly Barbosa Duarte. 2017. *Nokẽ mevi revõsho shovima awe "O que é transformado pelas pontas das nossas mãos"*: o trabalho manual dos Marubo do rio Curuçá. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional.

DOLLIS, Nelly Barbosa Duarte. 2022. *Noke yôra nõ nori yoãná "Nós, yôra, falamos de nós mesmos"*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional.

DOMINGUES, William César Lopes. 2022. *Entre o ouvido e o escutado:* uma história da saúde indígena no Brasil. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Federal do Pará.
DUARTE, Nelly. 2017. "Minha vida como estudante no mundo dos brancos". *Revista de Antropologia*, São Paulo, 60(1):47-54.

FERNANDES, Edimar Antonio. 2018. *Políticas Afirmativas para Povos Indígenas* – sob o olhar dos protagonistas. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Federal do Pará.

FERNANDES, Rosani de Fátima. 2017. *"Na educação continua do mesmo jeito"*: retomando os fios da história Tembé Tenetehara de Santa Maria do Pará. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Federal do Pará.

FONTOURA, Ivo Fernandes. 2006. *Formas de transmissão de conhecimentos entre os Tariano da região do rio Uaupés-AM*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco.

GALLOIS, Dominique Tilkin. 2007. "Gêneses waiãpi, entre diversos e diferentes". *Revista de Antropologia,* São Paulo, 50(1):45-83.

GRASIELA, Lilian. Avaí tem 1º indígena a defender dissertação de mestrado na USP. Jornal da Cidade de Bauru, Bauru, 28 de setembro de 2021. Disponível em: https://www.jcnet.com.br/noticias/regional/2021/09/775732-avai-tem-1---indigena-a-defender-dissertacao-de-mestrado-na-usp.html. Acesso em 31 de julho de 2022.

HERBETTA, Alexandre. Ferraz e NAZARENO, Elias. 2020. "Sofrimento acadêmico e violência epistêmica: considerações iniciais sobre dores vividas em trajetórias acadêmicas indígenas". *Tellus,* 20(41).

INDÍGENA DEFENDE TESE SOBRE REOCUPAÇÃO DE TERRAS TRADICIONAIS PELOS AVA GUARANI E AVA KAIOWÁ. Conexão UFRJ, Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 2014. Disponível em: https://conexao.ufrj.br/2014/02/indigena-defende-tese-sobre-reocupacao-de-terras-tradicionais-pelos-ava-guarani-e-ava-kaiowa/ Acesso em 31 de julho de 2022.

LUCIANO, Gersem José dos Santos [Gersem Baniwa]. 2015. "Os indígenas antropólogos: desafios e perspectivas". *Novos Debates*, Brasília, 2(1):2-17.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. [Gersem Baniwa]. 2006. *"Projeto é como branco trabalha; as lideranças que se virem para aprender e nos ensinar"*: experiências dos povos indígenas do alto Rio Negro. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília.

MCCALLUM, Cecília A. 2013. Nota sobre as categorias "gênero" e "sexualidade" e os povos indígenas. *Cadernos Pagu*, n. 41, p. 53–61.

MAINARDI, Camila; QUINTILIANO, Marta; DA SILVA COSTA, Jacqueline (Orgs.) 2022. "Dossiê Trajetórias nas universidades: Experiências da lei de cotas, transformações políticas e epistemológicas". *Revista Desenvolvimento Social*, 28(2):3-10.

MARINHO, Oséias Ramos. 2012. *Identidade e hierarquia entre os Turoporã do Rio Tiquié, Amazonas.* Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco.
MARTINS, Almires Machado.2015. *Exá raú mboguatá guassú mohekauka yvy marãe'y*. De Sonhos ao oguatá guassú em busca da (s) terra (s) isenta (s) de mal. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Federal do Pará.

MEHINAKU, Mutua. 2010. *Tetsualü*: pluralismo de línguas e pessoas no Alto Xingu. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional.

MELLO, Luiz. 2021 “Ações afirmativas para pessoas negras na pós-graduação: ausências, propostas e disputas”. *Revista Argumentos*, Montes Claros, 18(1).

MONZILAR, Eliane Boroponepa. 2019. *Aprender o conhecimento a partir da convivência*: uma etnografia indígena da educação e da escola do povo Balatiponé-Umutina. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de Brasília.

NASCIMENTO, Aline. M., & CRUZ, Barbara. P. da S. 2017. “Apresentação do dossiê Ações Afirmativas nos Programas de Pós-graduação em Antropologia Social”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 60(1):09-15.

NO ABRIL INDÍGENA, QUE TAL CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE AS PESQUISAS DOS ESTUDANTES INDÍGENAS DA UFPR? Egresso do PET Litoral Indígena/UFPR é o primeiro mestre indígena em Antropologia Social formado pela UFRGS. MAE UFPR, s/d. Disponível em: http://www.mae.ufpr.br/no-abril-indigena-que-tal-conhecer-um-pouco-mais-sobre-as-pesquisas-dos-estudantes-indigenas-da-ufpr/ Acesso em 31 de julho de 2022.

OLIVEIRA, Adão. 2007. *Etnomatemática dos Taliáseri*: Medidores de tempo e sistemas de numeração. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco.

OLIVEIRA, Melissa Santana de. 2016. “Índios antropólogos: apontamentos sobre a produção de dissertações por Tukano orientais no PPGAS/UFAM”. *Cadernos do GEA*, Rio de Janeiro, n. 5.

PALADINO, Mariana. 2016. “Uma análise da produção acadêmica de autoria indígena no Brasil”. In: SOUZA LIMA, Antonio Carlos de (Org). *A educação superior de indígenas no Brasil*: balanços e perspectivas. Rio de Janeiro, E-papers.

PECHINCHA, Mônica Thereza Soares; GONÇALVES, Antônio Augusto Oliveira; MARTINS, Sckarleth Alves (Orgs.). 2020. Dossiê “Autorias Indígenas”. *Emblemas*, Goiânia, 17(1):6-40.

PEREIRA, Rosilene Fonseca. 2013. *Criando gente no alto Rio Negro*: um olhar waíkhana. 2013. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas.

PEREIRA, Rosilene Fonseca. 2021. *Cuidados na criação de Gente*: habilidades e saberes importantes para viver no alto rio negro. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

PICHINAO HUENCHULEO, Jimena Gloria. 2012. *Todavía sigo siendo mapuche en otros espacios territoriales* (Mapuchewkülekan kake Fütal mapu mew). Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas.

PPGANT TEM SUA PRIMEIRA MESTRA KAINGANG. UFPel Comunicação Social, Pelotas, 26 de abril de 2021. Disponível em: https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2021/04/26/ppgant-tem-sua-primeira-mestra-kaingang/ Acesso em 21 de setembro de 2022.

PRESTES, Andréia Baia [Raial Orutu Puri]. 2020. *"Unir para lutar; unificar para vencer"*: Um estudo etnográfico da organização indígena Federação do Povo Huni Kui do Acre – FEPHAC. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

PRIMO DOS SANTOS SOARES, Ana Manoela [Ana Manoela Karipuna]. 2021. *Ser indígena e antropóloga*: Tecendo pesquisas com as antigas – Aldeia Santa Isabel – Povo Karipuna. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará.

QUIDEL, Lincoleo José. 2012. *La idea de "Dios" y "Diablo" en el discurso ritual mapuche*. Las resignificaciones de las categoría Dios y Diablo entre las autoridades socioreligiosas mapuche del territorio wenteche. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas.

QUINTILIANO, Marta**.** 2019. *Redes afro-indígenoafetivas*: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas da pós-graduação stricto sensu e políticas de ações afirmativas na universidade federal de goiás. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás.

ROSEMBERG, Fúlvia. 2013. *Ação afirmativa na pós-graduação*: o Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford na Fundação Carlos Chagas. São Paulo, FCC/SEP.

SCHWINGEL, Samara. Conheça o primeiro professor indígena do curso de antropologia da UnB. Metrópoles, Distrito Federal, 13 de junho de 2022. Disponível em: https://www.metropoles.com/distrito-federal/conheca-o-primeiro-professor-indigena-do-curso-de-antropologia-da-unb. Acesso em 13 de junho de 2022.

SERAGUZA, Lauriene; PEREIRA, Levi Marques. 2019. "Reflexões sobre possibilidades de uma antropologia guarani e kaiowá – ou o que de antropologia indígena tem no que os índios escrevem?" *Mundo Amazónico*, Manaus, 10(2):117-137.

SOUZA, Jéssica. UFPA contrata primeiro professor indígena admitido na Instituição por ações afirmativas. Notícias UFPA, Belém, 07 de outubro de 2021. Disponível em: 2021https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/13054-ufpa-da-posse-ao-primeiro-professor-indigena-admitido-na-instituicao-por-acoes-afirmativas . Acesso em 31 de julho de 2022.

TAVARES, Inara do Nascimento. 2012. *Formar gestores indígenas e fazer trajetórias*: configurações das políticas indígenas e indigenistas no Médio Solimões. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas.

TAYLOR, Anne-Christine. 1985. "La invención del Jívaro": Notas etnográficas sobre un fantasma occidental. In: Antropología del Ecuador. Quito: E. Abaya-Ala.

VALIENTE, Celuniel Aquino. 2018. "Breve descrição sobre os kaiowá e guarani na graduação e pós-graduação". *Tellus*, 18 (36):193-205.

VALIENTE, Celuniel Aquino. 2019. *Modos de produção de coletivos kaiowá na situação atual da reserva de Amambai, MS*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal da Grande Dourados.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. 2010. *A emergência étnica dos povos indígenas do baixo Rio Tapajós, Amazônia.* Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. 1997. *Indicadores da sustentabilidade de comunidades ribeirinhas da amazônia oriental*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

VELOSO, Serena. Professora do povo umutina é primeira mulher indígena doutora em Antropologia pela UnB. UNBNotícias, Brasília, 30 de julho de 2019. Disponível em: https://noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/3068-professora-do-povo-umutina-e-primeira-mulher-indigena-doutora-em-antropologia-pela-unb. Acesso em 31 de julho de 2022.

VENTURINI, Anna Carolina e FERES JUNIOR, João. 2020. "Política de ação afirmativa na pós-graduação: o caso das universidades públicas". *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 50(177):882-909.

VENTURINI, Anna Carolina. 2019. *Ação afirmativa na pós-graduação*: os desafios da expansão de uma política de inclusão. Tese de Doutorado em Ciência Política, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

VIVEIROS DE CASRO, Eduardo. 1996. "Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio". *Mana*, 2(2).

WAURÁ, Autaki. 2022. "Trajetória e experiência de vida acadêmica wauja". *Revista Desenvolvimento Social*, Montes Claros, 28(2):50-78.

WAURÁ, Autaki. 2021. *Wauja Ọnáka, Ọnakiyejetuwãpitsana*: Reclusão pubertária, saúde, beleza e o saber-fazer do algodão. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás.

XERENTE, Ercivaldo Damsõkẽkwa Calixto. 2016. *Processos de Educação Akwẽ e os Direitos Indígenas a uma Educação Diferenciada*: Práticas educativas tradicionais e suas relações com a prática escolar. Dissertação de Mestrado em Direitos Humanos, Universidade Federal de Goiás.